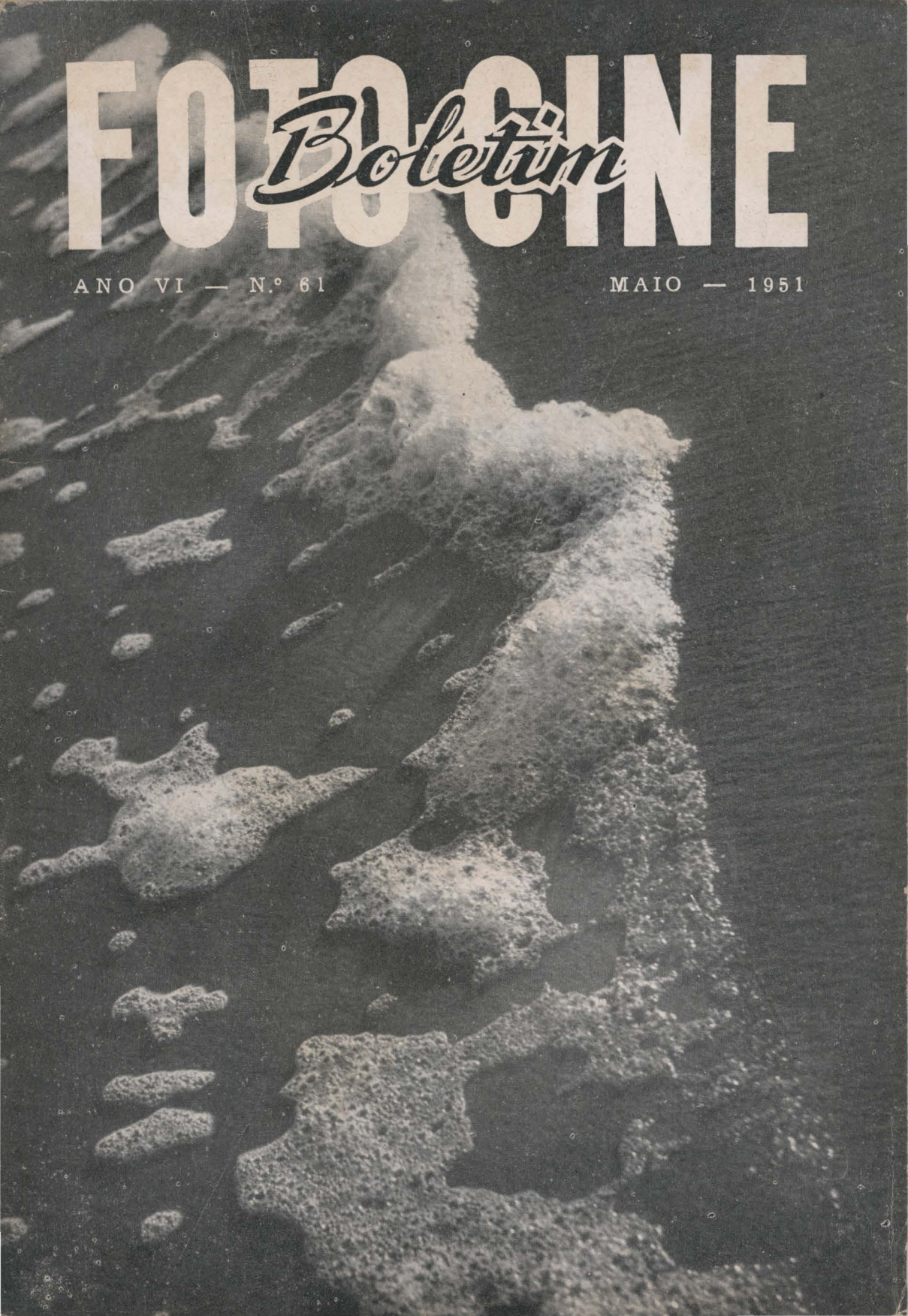


FOTO CINE

Boletim

ANO VI — N.º 61

MAIO — 1951



tudo que precisar em.

Cine-Foto

- ☆ Máquinas fotograficas
- ☆ Acessórios para fotografia
- ☆ Acessórios para laboratório
- ☆ Livros e revistas sôbre Cine-Foto
- ☆ Filmes, chapas e papéis
- ☆ Projetores mudos e sonôros
- ☆ Filmadores 8 e 16 mm.
- ☆ Acessórios para cinema
- ☆ Filmoteca de aluguel
- ☆ Filmagens a domicilio
- ☆ Projeções a domicilio
- ☆ Moderno laboratório

Vendas pelo Credi-Mesbla

MESBLA
24 DE MAIO, 141

Uma loja completa no centro da cidade

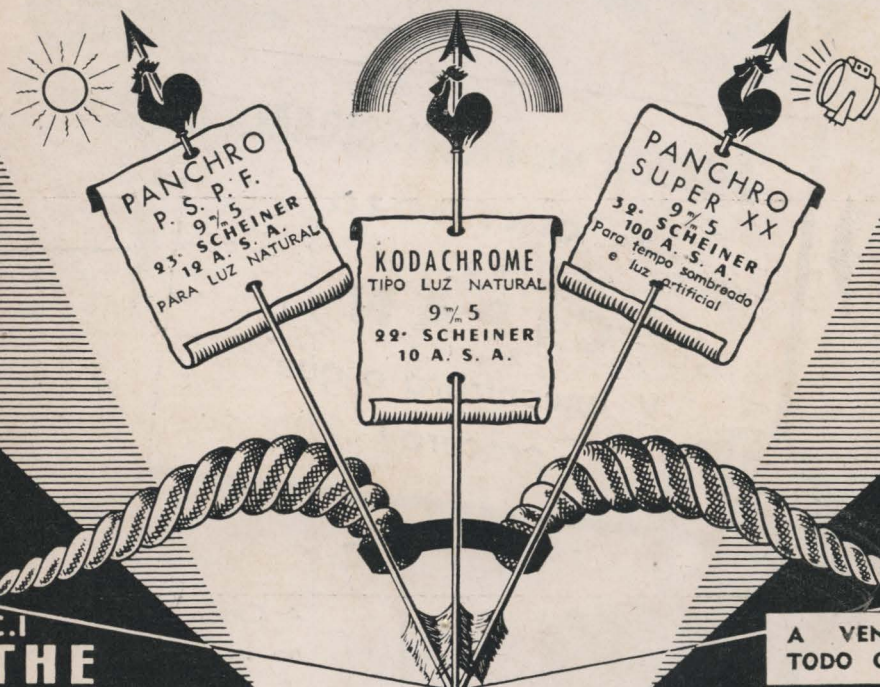


Isnard

Cine-Foto S/A

OFERECE

TRES FLECHAS PARA O SEU ARCO



S.C.I.
PATHE

A VENDA EM
TODO O BRASIL

PATHE 9,5 mm

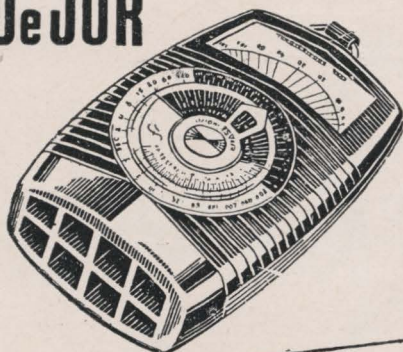
O CINEMA

MAIS POPULAR
DO
MUNDO

MATRIZ:
R. 24 de Maio, 70/90
Tel. 34-8191
S. Paulo

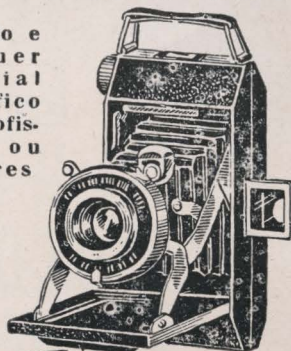
FILIAIS:
Alameda Barros, 161
Tel. 51-4968 - S. Paulo
R. Evaristo da Veiga, 22
Rio de Janeiro

FOTÔMETROS E AMPLIADORES
DeJUR



CÂMARAS DE VÁRIOS TIPOS

... e todo e
qualquer
material
fotográfico
para profis-
sionais ou
amadores

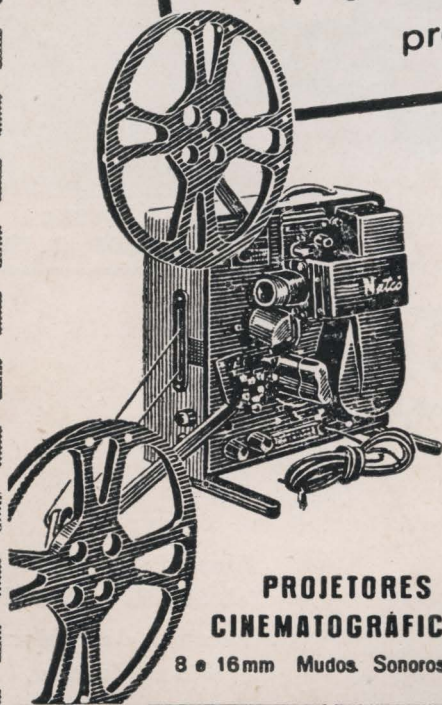


AMADOR ou PROFISSIONAL

de CINE-FOTO
no

CIPAN

V encontrará o que
procura!



**PROJETORES
CINEMATOGRAFICOS**

8 e 16mm Mudos. Sonoros Fixos.

"A Cipan,
no seu caso,
Vende à vista
e à prazo"



Distribuidores exclusivos ·

CIPAN

Rua Dom Jose de Barros, 238
Telefone 36-6913 São Paulo



Diretor Responsável:

Dr. Eduardo Salvatore

Diretor de Redação

Dr. Jacob Polacow

Diretor Comercial:

N. Kojranski

Colaboradores:

Aldo A. de Souza Lima**Antonio S. Victor**Correspondentes no
Estrangeiro:**Alejandro C. Del Conte,**
Buenos Aires, Argentina**Marius Guillard**
Lion, França**Domenico C. Di Vietri**
Roma, Itália**Ray Miess**
Wiscossin, Estados Unidos**Geraldo de Barros**
Paris, França

Redação e Administração:

R. São Bento, 357 - 1.º and.
São Paulo — Brasil**NOSSA CAPA****"RENDA DA PRAIA"**de
Angelo F. Nuti.**SUMÁRIO**

	Pg.
A NOTA DO MÊS	5
UMA VISITA AO F. C. BANDEIRANTE	6
ANNEMARIE HEINRICH e A. SOL	
PORQUE INTRODUIZIR MODIFICAÇÕES?	10
D. WARD PEACE	
Xº SALÃO INTERNACIONAL DE S. PAULO	16
SEMINÁRIO DE ARTE FOTOGRAFICA	21
O PRESIDENTE DA FIAP EM S. PAULO	26
ANOTAÇÕES DE UM OBSERVADOR	28
NELSON KOJRANSKI	
O 12.º ANIVERSÁRIO DO BANDEIRANTE	30

—◆—
ATIVIDADES FOTOGRAFICAS NO PAIS — O BANDEIRANTE NO EXTERIOR — ATIVIDADES SOCIAIS — CONCURSOS — SALÕES — VÁRIAS.
—◆—

Exemplar avulso em todo o Brasil Cr.\$ 5,00
Assinatura anual: Cr.\$ 50,00 - Sob registro Cr.\$ 60,00
Para o exterior Cr.\$ 100,00

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DO
F. C. BANDEIRANTE

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotográfica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe fôr dirigida quanto às suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia amadora. Outrossim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expandidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

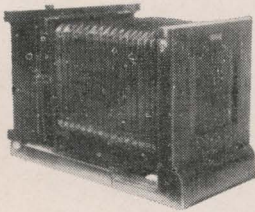
Toda correspondência deve ser dirigida para a sede social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE — Rua Avanhanda, 316, Fone 32-0937, S. Paulo, Brasil.

J. CUNHA OLIVEIRA & CIA. LTDA.

Rua da Assembléa n.º 69

Rio de Janeiro

PRODUTOS DE FABRICAÇÃO "CEPHO"



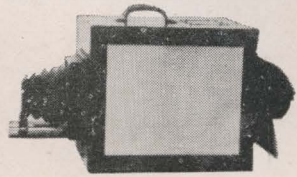
MÁQUINA PROFISSIONAL "ATELIER"
em 18 x 24



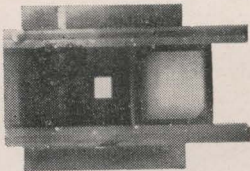
fechada



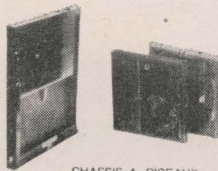
aberta



MÁQUINA PROFISSIONAL "JARDIM"
para postais instantaneos



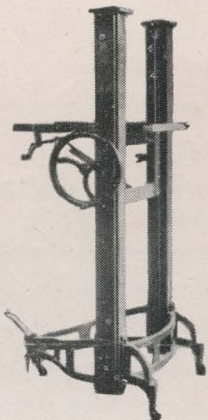
MULTIPLICADOR
para máquinas 18 x 24 ou 13 x 18



CHASSIS A RIDEAUX
em 18 x 24 em 13 x 18



INTERMEDIARIOS
PARA TODOS
OS TAMANHOS



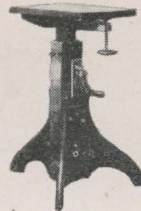
TRIPÉ DUAS COLUNAS



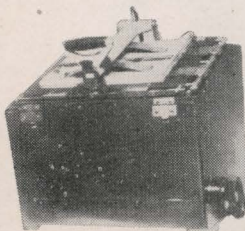
CAVALETES DE MADEIRA P/ SECAR CHAPAS



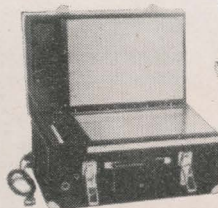
TRIPÉ PORTATIL
em 9 x 12
13 x 18 e
18 x 24



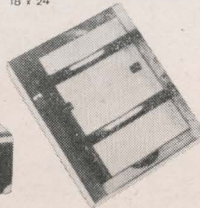
TRIPÉ DE UMA COLUNA



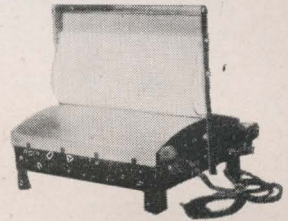
PRENSA ELÉTRICA P/ IMPRIMIR



PRENSA FOTOSTÁTICA PARA
CÓPIA DE DOCUMENTOS



PRENSA MANUAL



ESMALTADORA ELÉTRICA
para esmaltar cópias



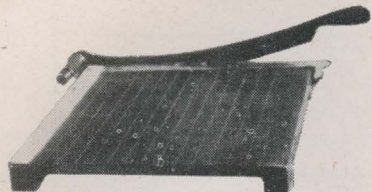
LAMPADA DESPA-
RADORA DE
MAGNÉSIO



ROLO DE BORRACHA



RETOCADOR COM GAVETA E ESPELHO



CORTADEIRA DE PAPEIS
corte liso

A Nota do Mês

Quem dos nossos companheiros acompanha mais atentamente as atividades do Clube, procurando interessar-se um pouco também pelas questões de ordem administrativa, não pôde deixar de apreciar e se rejubilar, pela execução efetiva de um plano há muito idealizado mas que, por fôrça de tantas circunstâncias já conhecidas, sòmente poude ser concretizado por etapas sucessivas.

Agora, contudo, ele está em plena efetivação e, de modo geral, com pleno êxito.

Esse programa, como sabem, abrange o laboratório e o estúdio.

As duas importantes dependências — finalmente instaladas e postas em condições de servir aos associados — têm sido ativa e intensamente utilizadas, sendo bastante expressiva a procura e o registro dos companheiros para as aulas práticas em uma e para as demonstrações em outra.

Si nosso grêmio ainda se ressentia de tão importantes e utilíssimos departamentos, agora aí estão os dois, franqueados ao aprendizado objetivo, prático e esclarecedor e assistidos por destacados orientadores, cuja dedicação e entusiasmo têm sido contagiantes.

Já agora podem os nossos associados contar com a valiosa facilidade de absorver no laboratório ou no estúdio, os conhecimentos técnicos e práticos para o manuseio dos materiais sensíveis no primeiro e, o estudo do modelo e composições, no segundo. Dêsse entrosamento e dessa unidade de orientação já estamos, prazerosamente, observando os primeiros frutos, o que vem demonstrar não só o elevado grau de receptividade dos seus frequentadores, como, evidentemente, a proficiente supervisão de seus diréto responsáveis.

Estamos, pois, palmilhando os rumos preconizados e proporcionando aos amadores aquilo por eles mais reclamado: o ensino prático da fotografia.

Nosso plano, muito bem alicerçado, está sendo edificado carinhosamente e, a obra final, não só irá encher de orgulho aos seus realizadores, como, ainda, distinguir aos que nela se empenharam, numa distribuição equitativa de méritos.

ANNEMARIE e SOL relatam

Uma Visita ao F. C. Bandeirante

Transcrito do CORREO FOTOGRAFICO
SUDAMERICANO (n.º 656).

No aeroporto nos esperavam os três dirigentes que encabeçam a Diretoria do prestigioso Clube: presidente, secretário e tesoureiro; no hotel, o quarto, seu diretor social, se fazia também presente por intermédio de formoso ramo de flores.

Estes quatro homens do nosso primeiro contacto brasileiro, — Salvatore, Silva Victor, Morales Filho e Souza Lima — jovens, cordiais, comunicativos e hospitaleiros, vieram nos antecipar, na própria chegada, como iríamos comprovando logo, a cada passo, o resumo vivo de sua cidade, acolhedora, fraternal, voluntariosa como eles.

Na mesma noite fizemos nossa primeira visita ao Clube. Central, ocupa um edificio de dois andares, séde própria da entidade. — “Ainda não terminamos de pagá-la, nem estão concluidas todas as instalações que devemos ter — nos informou durante o caminho o presidente, Dr. Salvatore. — Custa fazer tanto... em tão pouco tempo, porém trabalhamos com empenho, com a adesão e o entusiasmo de todos”.

Também este dinamismo, esta responsabilidade, esta simplicidade em carregar sobre os ombros as ações e as empresas construtivas e de elevação mais esforçadas e custosas, as observamos no processo geral da grande cidade irmã, em plena evolução para a maturidade. Sua arquitetura, suas ruas, indústrias, meios de expressão, mostram uma juventude pujante, decidida, muitas vezes audaz: os jovens bandeirantes, também nisto, continuavam sendo a síntese viva de seu povo.

Ao amparo de um letreiro luminoso com a insígnia do Clube transpuzemos o pequeno jardim que aformosea sua entrada e penetramos por um dos flancos do edificio em uma sala que,

para nossa surpresa, se encontrava em penumbra e em silencio, sem ninguém. Porém, bem depressa nos recobramos. Na sala contígua, em fileiras de cadeiras, um bom número de pessoas observavam, também na penumbra, uma fotografia que se exhibia num cavalete em frente do auditório: um fácil dispositivo de luz dava perfeita iluminação de todos os ângulos. Alguem começou a falar nesse momento, assinalando um ponto da fotografia exhibida e fazendo sua crítica, e logo uma segunda pessoa replicou, estabelecendo-se em seguida uma discussão que se tornou quasi que geral.

— “Realizamos periódica e regularmente estas sessões de seminário — nos explicou o Dr. Salvatore, a meia voz, sem interromper a reunião. (Gostamos muito deste respeito pelo trabalho de seus companheiros). — Os associados apresentam seus trabalhos, que são analisados em público. Da discussão, dos vários pontos de vista, dos ensinamentos que surgem, nestes casos, coletivos, que são os mais eficazes, vamos conseguindo todos nós maior capacitação, aperfeiçoamento e segurança.

ANNEMARIE — Sumamente interessante. Este sistema deveria ser geral, em todas as partes e atividades. Na Sociedade de Fotografia de Paris assisti, no ano passado, a uma sessão muito semelhante, de crítica e polémica fotográfica. Quiçá tenha sido, de quanto conheci do foto-amadorismo na Europa, o que mais me impressionou, precisamente por seu alcance coletivo, como você muito bem disse. Compreenderá, pois, o que significa para mim encontrar-me aqui com uma cena tão parecida.

Entretanto, finda a reunião, iluminou-se a sala. Viamos agora nas paredes, em exposição, fotografias dos mais

distintos temas e processos. O tesoureiro do Clube se adiantou em nos informar, com particular entusiasmo, sobre o que instintivamente atraía o nosso olhar.

— “É uma exposição de novatos. A primeira que realizamos e com verdadeiro êxito. — Morales F^o estava, evidentemente, muito contente de poder exhibi-la a nós. — Conclamamos para apresentar suas fotografias, quantos aficionados quizessem fazê-lo, sendo obrigatório unicamente que não fossem ou tivessem sido membros de foto-clubes, nem profissionais, nem tivessem exposto antes: em suma, um chamamento ao homem da rua.

SALVATORE — E nos chegaram centenas de obras, das quais selecionamos estas, umas sessenta.

ANNEMARIE — Com que critério selecionaram? Vejo alguns trabalhos muito bons. Este, por exemplo.

— É o que obtive o primeiro prêmio — respondeu SOUZA LIMA, satisfeito do impacto de Annemarie e orgulhoso do acerto de seu Clube. — Para a seleção de obras, seja em concurso interno, salão nacional ou exposições estrangeiras, nos interessa em primeiro lugar a ideia da obra, seu conteúdo, o espírito de criação, a inquietude investigadora e artística. Deixamos para último a técnica, o virtuosismo da tomada ou a qualidade da ampliação.

SALVATORE — Entendemos que arte é criação, concepção, assunto, principalmente, e que o tratamento é apenas o meio. Queremos que o amador vá diretamente ao fundo, desperte suas faculdades originais e de produção. Premiamos então as obras que mostram uma concepção, um sentido nuclearmente fotográfico, mesmo as pesquisas simples, quando possuem mérito, embora cheguem deficientes em sua realização.

ANNEMARIE — Sou da mesma opinião. Às vezes discuto com meus amigos, defendendo esses mesmos conceitos.

SALVATORE — Também nós já discutimos. Até que conseguimos chegar a um entendimento. Veja esta “papeleta de julgamento”. Em cada concurso, os juizes atuam agora com ela na mão. Cada trabalho recebe esta “papeleta” com o julgamento sobre ela, tendo em conta os valores segun-

do os canones ali estabelecidos: 1º) Visão e concepção da obra; 2º) Interpretação e tratamento; 3º) Composição e forma; 4º) Técnica de tomada e de laboratório.

SILVA VICTOR — E ha poucos meses realizamos em S. Paulo, por iniciativa do nosso Clube, a Primeira Convenção Brasileira de Arte Fotográfica, com a presença de 17 foto-clubes regionais e numa das sessões nossa “papeleta de julgamento” foi recomendada como a papeleta ideal por suas acertadas “bases essenciais para a crítica fotográfica”.

SOL — Essa Convenção Fotográfica que objetos ou objetivos tinha? A que conclusões conduziu?

SALVATORE — Estabelecer a união dos centros de fotografia artística, intensificar o intercâmbio e a compenetração, lograr, enfim, a unidade dentro da variedade. Consideramos-la como da maior utilidade para o desenvolvimento da nossa arte em todo o país. As capitais devem ir até as cidades e estas aos pontos mais longínquos, levando a técnica e a cultura. Fundámos, ademais, a Federação Brasileira de Fotografia; seu programa de união, de concordia e de elevação social canalizará todas as forças — que também as possui — da nossa “pacífica e inerte” arte fotográfica, trabalhando pelas boas causas.

Continuamos nossa visita pela secretaria, inflamados já pelo mesmo fervor daquela gente. Chegava até ali um perfumado aroma, e Annemarie



“No aeroporto nos esperavam os três dirigentes que encabeçam a Diretoria do prestigioso Clube...”

sorridente: — Não lhes falta um bar, ao que parece...

SALVATORE — Não é propriamente um bar. No Clube não se bebe, a não ser água; trabalha-se. Ha, isto sim, uma pequena cozinha para preparar café... Mas, faça idéia se não tivéssemos nem o café, no Brasil... seria como que duvidar de nós mesmos, não acha? Aceita uma chicara?

ANNEMARIE — E este busto de bronze?

Tratava-se de uma bela peça escultórica, colocada em lugar preferencial, como para homenagem permanente.

SOUZA LIMA — É do nosso precursor da fotografia no Brasil e um dos primeiros no mundo. Hercules Florence era um jovem pintor francês que veio residir entre nós, em 1824, quando tinha 20 anos. Foi pesquisador científico, participou de expedições de exploração e estudos pelo interior do país. Em 1832 fabricou, por suas próprias mãos, uma câmara com a qual fez impressões, primeiro sobre papel e depois sobre vidro, utilizando — e isto sim, pela primeira vez no mundo — o nitrato de prata, de imagens que já então éle mesmo batizou de "fotografia". Antecipou-se, portanto, mais de um lustro, sobre aqueles que disputam a honra de ter inventado a fotografia, Niépce, Daguerre, Fox Talbot.

Um bisneto deste pioneiro, cultor também da fotografia, **A. MACHADO FLORENCE**, ali presente, estendeu-se então em detalhes sobre a vida heroica do investigador, fazendo-nos entrega de dois números do Boletim do Clube (julho e agosto de 1948), nos quais consta a homenagem, a biografia e a documentação ampla que comprova esse e seus outros inventos.

Subimos ao andar superior, onde está instalado o estúdio para fotografias, para estudo dos associados; o laboratório, pròdigamente dotado de espaço e instrumental; a biblioteca e sala de leitura e, além disso, uma sala de trabalho para os cineastas. Encontramos aqui dois amadores que estavam preparando a montagem de um pequeno cenário para um filme de curta-metragem e dois outros que dialogavam sobre a fotografia no cinema. Nos chamou a atenção aquele que dizia com tanta segurança:

— **Figuroa** (o mexicano) começa agora a causar decepção. Sem embargo, seu fracasso em foto-cine vem desde o princípio. Suas primeiras obras, formosas e bastante acertadas, não faziam mais do que refletir Einstein e seus ensinamentos. As últimas demonstram o seu vazio interior; e mesmo em algumas nas quais foi elogiado pela crítica comercial, como "O rio escondido", somente demonstra ser éle um simples ilustrador de postais, com afetações baratas e truculências que o divorciam tanto da arte como da própria película.

SOL — Desculpe minha interrupção. Suas palavras me parecem importantes. Um crítico italiano acaba de escrever precisamente um substancioso artigo sobre a crise estética de Figuroa...

O AMADOR — Perdão, senhor. Eu não li esse artigo. Apenas estava expondo minhas ideias pessoais.

SOL — Desculpe-me novamente; eu só quiz assinalar a coincidência em um fato crítico, ou estético, que reputo de grande transcendência. O crítico italiano, por exemplo — lembro-me agora que se chamava Paolo Jacchia — assinalava as razões da decadência de Figuroa: 1º) pela ausencia de um sistema estético, em geral e 2º) em particular, pela perda ou desvio da consciência de suas fontes originais, genuínas, de inspiração; a ponto de fazer suspeitar se as teria compreendido alguma vez. "Tais fontes eram sua gente, os índios, seus patrios, com sua tragédia atávica, sua terrível condição espiritual, humana e social, que já haviam inspirado a grande pintura nacional mexicana de Rivera, Orozco, Tamayo, Siquieros, etc.". "Figuroa, porém, afastou-se da alma de seu povo e limitando-se a escolher daquele mundo apenas os aspectos exteriores, precipitou-se no plano inclinado das concessões espetaculares, dos efeitos paisagísticos e de cor, etc."

O AMADOR — Eu falava, ao envez, do ponto de vista simplesmente fotográfico. Quando se faz decorativismo de superfície, quando a fotografia é estática, passiva, de composição exclusivamente foto-ótica, se faz "anti-cine". Daí minha opinião severa sobre Figuroa.



"RETRATO DE GERALDO"

Francisco Albuquerque

(Do concurso interno de março)

Porque Introduzir Modificações?

Adaptado de

"Popular Photography"

por Victor

Texto e ilustrações de

D. WARD PEASE

Muitos artigos e mesmo livros de certo porte já foram escritos tratando da questão de se introduzirem modificações nas fotografias e orientando no sentido de se obterem determinadas impressões, diferentes das do negativo original.

A maioria deles esclarece "como" obter a ampliação "que pareça o que não é", mas bem poucos dizem "porque" qualquer um deseja fazê-la. Presumivelmente, o amador mais avançado sabe porque motivo êle assim age, mas para o novato tudo isso é motivo de indagação. Para êste, a cópia diréta é tão boa e perfeita que êle chega a julgar um desperdício de tempo enorme, qualquer tentativa para modificá-la, apresentando algo completamente diferente.

Uma corrente de fotógrafos, denominados "Puristas", não reconhece o uso dos processos de "contrôle" e proclama que o ápice está na utilização integral e sem qualquer modificação do negativo na execução da ampliação. Afirmam, em seu favor, que uma alteração posterior é a evidência de os primeiros movimentos da tomada da fotografia não terem sido bem tratados. Sem dúvida, muitos aceitam esta argumentação. Muitas obras fotográficas de excepcional qualidade foram obtidas por essa forma, e as lições resultantes trouxeram uma apreciável contribuição ao próprio fim da atividade fotográfica. Atualmente, acredito, a idéia preponderante sobre o assunto é que o "contrôle" deve ser exercido no decorrer de todo o trabalho — desde a escolha da câmara e do filme, até a apresentação final da ampliação. Qualquer falha irá sacri-

ficar algumas das qualidades essenciais do procedimento fotográfico.

Tomemos, por exemplo, como ponto de partida, o caso de um amador já no grau de poder realizar satisfatoriamente bem, o gênero de fotografias por êle desejado, revelando-as de acôrdo com as recomendações do fabricante do filme e ainda com conhecimento suficiente para obter suas "cópias dirétas". Tenho a impressão de existirem muitos que se contentam em não ir além disso. Nesta limitação do tratamento fotográfico satisfazem os seus desejos e acreditam terem alcançado tudo. São aqueles que costumam dizer: "porque ir mais além"?

Quando surge a questão de passar da cópia diréta para a ampliação controlada, diversas circunstâncias irão determinar a extensão e a necessidade das medidas a serem observadas. A primeira delas é o tipo da fotografia sobre a qual se vai trabalhar e as condições encontradas no momento da tomada. Felizmente, a maioria delas quasi nada ou muito poucas modificações exigem de maneira a serem aproveitadas todas as suas qualidades. Outras, porém, requerem muito trabalho para que a fotografia represente o que o fotógrafo "viu" quando tomou a cena. Porque isto deve ser assim, tentaremos explicar mais adiante. Outro fator a considerar é a capacidade ou não do fotógrafo em reconhecer deficiências inerentes ao processo fotográfico que demandam compensação sòmente possível pela interferência pessoal do fotógrafo. Ela poderá ser tanto de natureza puramente técnica como de ordem estética. Ainda outro fator de importância é a habilidade do fotógrafo em reali-

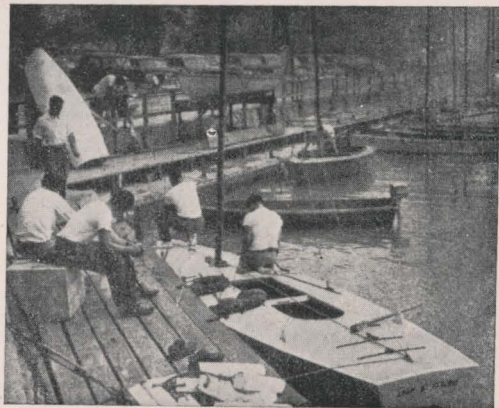


Compare esta cópia modificada com a cópia direta ao lado, para avaliar as vantagens do "contrôle". Protegendo a área ao fundo, durante a ampliação, o autor obteve a impressão de atmosfera nublada, dando outro valor á fotografia original.

★

zar todas as alterações exigidas pela situação. A riqueza de literatura explicando como fazer isso, com certeza torna esta fase da habilidade fotográfica muito mais avançada em confronto com a capacidade de reconhecer a necessidade de tal trabalho. Somos pobres em idéias e ricos em técnica.

Para nosso primeiro exercício de "contrôle" sobre uma ampliação, tomaremos casos em que são absolutamente necessárias as correções de defeitos ou falhas. Um dos mais elementares destes "contrôles" é o que comumente denominamos "corte". Seria sumamente interessante si sempre pudessemos tomar nossas fotografias num ângulo determinado, permitindo-nos a utilização integral do negativo contendo, exatamente, tudo aquilo por nós desejado. Para obter isto devemos possuir, primeiramente, uma visão muito educada e um senso fotográfico bastante desenvolvido, elementos que, de fato, muitos possuem. Quasi sempre as condições não nos permitem tempo suficiente para explorar as redondezas e encontrar aque-



le ponto ideal para o registro do nosso assunto. Algumas vezes, quando conseguimos encontrar o lugar adequado, nossa máquina não pode ser colocada no ponto ideal, porque ela estaria no meio do rio ou num ponto verdadeiramente inacessível. Resulta, pois, a tomada em outro lugar mais distante, porém acessível, e na ampliação utilizamos apenas uma parte do negativo. Essa habilidade para avaliar a porção necessária do negativo para ampliação, desprezando o supérfluo, é, geralmente, o primeiro passo do "contrôle" realizado pelo fotógrafo no laboratório.

Um defeito corrigível por ocasião da tomada, principalmente em determinados tipos de câmaras, é o da inclinação das paredes de um prédio, cujas linhas paralelas nos dão a impressão dele estar caindo para traz. Esse de-

feito é resultante da inclinação do aparelho ao fotografar a cena de um ângulo muito próximo. Si a máquina possui um dispositivo de correção o problema será resolvido na própria tomada. Si não o tiver, poderemos corrigir a falha durante a ampliação, inclinando o papel ou mesmo o negativo, retificando, assim, a convergência das linhas.

Nem todos os ampliadores asseguram iluminação igual para toda a área do negativo, em qualquer tamanho de ampliação. Alguns apresentam, em certos tamanhos, um ponto mais luminoso no centro o que faz aquela parte da cópia aparecer mais escura, si não houver a precaução de corrigir essa condição. Para fazê-lo basta proteger essa parte central durante algum tempo da exposição e deixar as partes externas da cópia receber a quantidade de luz necessária para se obter uma tonalidade uniforme em toda a ampliação. Este método também pode ser adotado para escurecer, p. ex., outras partes do fundo, principalmente nos retratos. O efeito obtido é o de um "spot" no fundo, um toque de luz que na realidade não possuíamos ao tirar a fotografia.

Outro defeito perfeitamente controlável é o da luz que penetrou no chasis ou no carretel, marcando o negati-

vo e deixando na cópia uma faixa luminosa. Nem todos os casos poderão ser solucionados pelos simples uso de recursos técnicos, mas, eventualmente, uma exposição mais demorada nestas partes poderá esconder o defeito. Pode-se tentar também escurecê-la com um rápido "flashing".

(Nota do T.: o "flashing" consiste no emprêgo de uma pequena lanterna de bolso — tipo lapiseira ou chaveiro — cujo feixe de luz é projetado diretamente sobre o papel, no ponto que se deseja escurecer).

Todos os erros ou defeitos até agora citados são mais ou menos evidentes. Existem outros, porém, que são mais próprios das deficiências do processo fotográfico. Por exemplo: o rendimento obtido no processo fotográfico monocromático, a despeito de o assunto registrado apresentar riqueza de cores, muitas vezes exige um tratamento especial no laboratório, só obtido pelo "contrôle". Filmes com diversa sensibilidade cromática produzem resultados diferentes, e a grande variedade de filtros disponível para serem empregados com tais filmes, multiplica enormemente o limite de efeitos que o fotógrafo poderá obter com o uso de técnica adequada. Ele poderá dispor as cousas de tal forma que um determinado contraste de cores, visto antes da tomada da fotogra-



★

Uma faixa de luz velou o negativo, defeito que é muito frequente. Graças ao recurso do "Flashing" (vide texto) no decorrer da ampliação, o defeito foi praticamente eliminado, como vemos no segundo cliché.

★

fia, poderá ser traduzido, na ampliação final, com o mesmo efeito visual — ou ainda com maior ou menor intensidade.

Quando surge uma cena que exige dois filtros opostos, o problema também pode ser solucionado. Por exemplo: tivemos de empregar um filtro amarelo escuro para aumentar as sombras na neve, num primeiro plano. Uma área distante, enevoada, exigia um filtro azul para assegurar o efeito da perspectiva aérea. Usámos somente o filtro amarelo, e na ampliação protegemos a área distante para obter o efeito que o uso do filtro adequado nos teria dado.

A câmara tem a tendência de dar maior ênfase a certas tonalidades de pele. Desprezamos esse defeito quando vemos um retrato de alguém sem retoque ou pintura. Justificamos o retoque para assegurar ao retrato a aparência que a vista guardou e a mente recorda. Poderíamos dizer que se trata de nos aproximarmos da realidade.

Outro ponto a considerar: o brilho de uma cena excede a capacidade de registro do filme. Diversas providências podem ser tomadas em situações como esta. Podemos registrar as luzes mais fortes deixando as partes sombreadas mais escuras; podemos registrar as partes sombreadas (si houver detalhes no negativo para tanto) e deixar as partes claras sem efeitos, conservando-as como si fôra uma folha de papel branco; ou ainda, pelo tratamento na revelação ou pelo emprego de um papel de emulsão muito suave, podemos obter detalhes em todas as gamas da iluminação. Este último método, entretanto, geralmente dá um resultado pouco interessante, surgindo a ampliação inexpressiva e sem relevo. Por outro lado, si formos capazes de expor uma parte da ampliação de maneira a obtermos detalhes nas luzes fortes e um amplo contraste nos meios tons e, protegendo as partes sombreadas, durante a projecção, nélas conseguirmos detalhes, então obteremos um trabalho muito mais

valioso. O que sucedeu? Nós tão somente registramos na ampliação o efeito que “a acomodação visual” sentiu ao ver a cena, e que o processo fotográfico fez desaparecer, numa de suas fases, em razão de suas naturais deficiências.

Um ponto comum, no problema em exame, é o de obter a exposição adequada para o primeiro plano sem fazer perder a beleza do céu. Registrar ou “queimar” o céu de tal forma que as nuvens apareçam como realmente eram, constitue um recurso bastante comum. Uma solução para este caso é também a utilização de outro negativo de céu, fotografado em outra oportunidade e em outro local.

Onde o processo fotográfico apresenta deficiências que podem ser corrigidas nas ampliações é no que concerne à “ênfase”. A vista humana discrimina; ela salienta o que vê, em relação ao estímulo que provoca a reação do cérebro. Chama-se à esta particularidade, a seletividade da vista. Entretanto, a lente da máquina vê todos os objetos com a mesma intensidade — ou, pelo menos, sem a seletividade que a vista apresenta. Ao realizarmos a ampliação, pelo contróle de contrastes ou valores tonais, poderemos, entretanto, assegurar alguns ou todos os elementos dessa forma de seleção do assunto.

Um número surpreendente de trabalhos controlados, apresenta somente uma excessiva intensificação ou enriquecimento dos elementos existentes na própria fotografia. Uma outra parte se empenha em reduzir e esconder outras qualidades. Em ambos os casos, cabe ao fotógrafo resolver, por si mesmo, até onde pode chegar com esse contróle, sem falsear o seu propósito tornando-o demasiadamente visível.

Há muitas maneiras de salientar o que desejamos numa ampliação. Uma das melhores é fazer o ponto principal de interesse surgir fortemente contrastado em valores tonais, em relação às partes que o cercam. A vista, como é óbvio, tende a demorar-se mais nos

★ Propor novos sócios é o dever de todo bom sócio ★

pontos onde surjam maiores contrastes entre as tonalidades claras e escuras. Tanto melhor será o resultado si tudo isso puder ser obtido antes da exposição. Clareando ou escurecendo o assunto principal ou as partes que o cercam, é o meio mais simples de obtermos esse efeito. A atenção algumas vezes é distraída do centro de interesse pela presença, próximo a êle, de alguns objetos; o tema principal será, sem dúvida, muito mais expressivo, si suprimirmos ou diminuirmos a influência desses objetos, reduzindo-lhes o poder de atração visual. Enfraquecendo ou igualando a tonalidade desses objetos à das partes que os circundam, poderemos obter o resultado desejado.

Uma boa maneira de fazer isso é deixando uma sombra através desses elementos perturbadores — escurecendo ou clareando. Estas sombras artificiais também têm utilidade em outros casos. Elas podem ser registradas em qualquer tipo de falha ou área pouco interessante, quebrando sua monotonia sem, porém, tornar tal parte demasiadamente atraente. Estas sombras podem também constituir partes mais definidas da composição, pelo registro de linhas fortes ou ainda contribuindo para o equilíbrio do conjunto. Em relação aos processos de controle mais elásticos, tais como o bromóleo e o papel negativo, essas adições podem tomar formas mais definidas e mesmo de objetos reconhecíveis. Nuvens colocadas a mão é um dos meios mais comuns, porém eu tive conhecimento do “enxerto” de folhas em uma árvore cujos galhos estavam desnudos e até mesmo o de fazer surgir um rosto, na parte trazeira de uma cabeça, por ter a pessoa olhado na direção errônea quando da tomada da fotografia. A remoção de postes e fios é uma das práticas favoritas nestes processos.

É também comum combinar vários negativos, registrando, ao mesmo tempo, céu e primeiro plano ou mesmo primeiro plano, céu e planos intermédios. A forma atual — foto-montagem — não tenta esconder o fato de se tratar de vários negativos de assuntos diferentes.

Nos trabalhos de estúdio, com luz artificial, onde supõe-se tudo está sob

o controle direto do fotógrafo, deveria ser bem menor a necessidade de modificações quando da ampliação, para concentrar a atenção num ponto determinado. Teoricamente, isso tudo deverá estar estudado antes da tomada. Apesar disso, existem muitos exemplos comprovando o emprego do “controle” na ampliação, após a tomada de fotografias de estúdio. Muitas dessas alterações se relacionam com o equilíbrio de tonalidade do fundo, cousa que não pode sempre ser controlada antes da exposição. Os objetos imóveis poderão ser removidos, poderão ser removidos, decorações e outras superfícies poderão ser dissimuladas, luzes corrigidas, luzes fortes ou sombras poderão ser controladas ou suprimidas para salientar exclusivamente o que é desejado.

Nem todas as pessoas e rostos que aparecem em muitas fotografias de estúdio são perfeitos e pequenas deficiências poderão ser superadas pela utilização de processos adequados — como o retoque do negativo ou da ampliação, para reduzir rugas ou remover manchas. Uma razão de ordem financeira justifica essa orientação por parte do fotógrafo profissional. É uma destas cousas que êle se vê na contingência de fazer si realmente quizer permanecer no negócio.

Uma outra forma de correção, voltando um pouco atrás, é a de escurecer propositalmente as partes externas da ampliação. Há um conceito de que qualquer área iluminada, nos bordos de uma fotografia, atrai a atenção fazendo-a divagar. Isto nos leva a crer que os cantos e margens um pouco escuras constituem uma tendência que devemos evitar. É deveras surpreendente o que se pode fazer para escurecer uma ampliação, sem torná-la artificial. Da mesma forma é a idéia de exagerar a natural diferença entre a tonalidade do céu no horizonte e a área acima dele.

Enquanto o profissional sabe que necessariamente terá que modificar as fotografias que vende, já o mesmo não sucede com o amador, o qual pode agir livremente, utilizando esse recurso em maior ou menor escala, de conformidade com a sua vontade. A tendência atual é de ir tão longe quanto for preciso para atingir o propósito

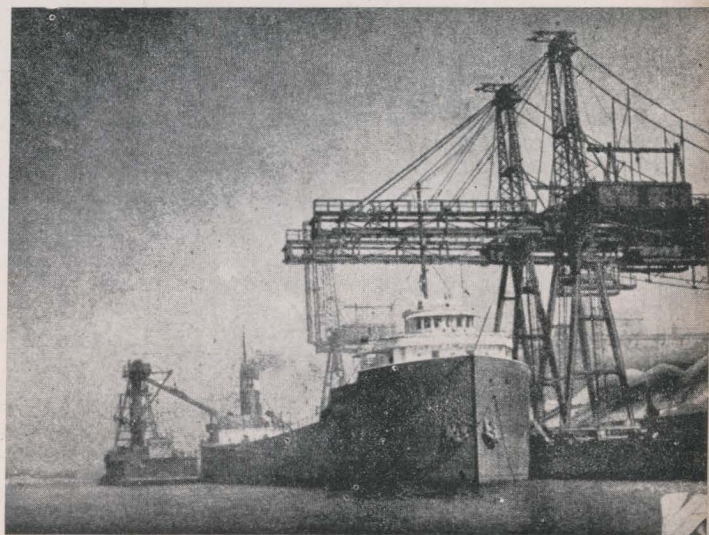
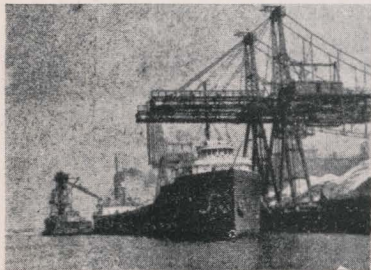
que o fotógrafo tem em mente. Evidentemente, existem limitações nesta observação. Uma delas, por exemplo, tem fundamento na necessidade de se desenvolver a capacidade de **avaliar a necessidade** da modificação e **sentir** antecipadamente, as vantagens a serem incluídas, partindo de uma cópia direta. É preciso um certo traquejo para visualizar o resultado final obtido com tais esforços. Também o estudo de ampliações perfeitas é um meio para podermos avaliar aquilo que pode ser feito no sentido de aumentar, por meio de modificações, as qualidades do trabalho.

Uma limitação muitas vezes citada, como um bom ponto de parada no controle da ampliação é quando se tem a impressão de o resultado final ser inteiramente fotográfico. Uma fotografia cuja modificação ou controle resultou em perda de suas qualidades fotográficas não é realmente aceitável.

De qualquer forma julgamos e concordamos que para uma fotografia ser realmente boa e exprimir tudo quanto o fotógrafo tinha em mente, ela deverá ser o resultado de uma série de operações fotográficas que deverão ser perfeitamente controladas desde o iní-

★

Dois detalhes podem diferenciar a fotografia da direita, em confronto com a cópia direta à esquerda: o céu foi enriquecido pelo escurecimento mediante maior exposição e as massas brancas em cône foram "queimadas" pelo "flashing".



cio até a apresentação final da ampliação. Para que isso se dê, torna-se imprescindível que o fotógrafo tenha alguma coisa em mente para expressar e também habilidade bastante para levar avante essa intenção no sentido da sua expressão. De uma forma geral, nenhum fotógrafo fará uma ampliação melhor daquela que ele é capaz de compreender e apreciar, a não ser por acaso. Si ele desejar compreender melhor as fotografias e como elas foram executadas, é imprescindível que estude e aprenda a sentir os melhores trabalhos que tiver encontrado. Ele poderá tentar estudar esses trabalhos quanto ao volume de modificações eventualmente introduzidas, e quais os recursos empregados para tornar a ampliação tão boa como ela se apresenta. Poderá também estudar os trabalhos alheios com o intuito de determinar quais as possíveis modificações que permitiriam uma melhor apresentação. Quando somos capazes de distinguir essas alterações para melhoria do trabalho alheio (e isso é fácil), devemos estudar os nossos próprios trabalhos com a mesma finalidade (e isso é realmente difícil!). Desta forma podemos desenvolver nossa habilidade e alcançar os maiores resultados, graças às possibilidades que o processo fotográfico nos assegura. Daqui por diante entra em cena somente o nosso próprio julgamento. As fotografias apresentadas levarão nossa assinatura. Nosso próprio gosto determinará até onde poderemos ir.

X.^o Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo

Sua realização em setembro próximo — Secção "Color" — Encerramento das inscrições a 15 de julho.

S. Paulo inteiro já se acostumou a admirar, todos os anos, na magnífica Galeria Prestes Maia, o Salão Internacional de Arte Fotográfica promovido pelo Foto-cine Clube Bandeirante.

A criteriosa seleção a que são submetidos os trabalhos inscritos, de maneira a serem expostas apenas obras de real mérito, tornaram esse certame credor de sólido prestígio e renome em todo o mundo, sendo considerado pelos críticos especializados do estrangeiro, como o de maior expressão e o mais importante da América do Sul.

Os paulistanos sabem disso e acorrem aos milhares a visitá-lo, na certeza de que nele poderão apreciar as obras dos mais destacados artistas-fotógrafos de todo o mundo. Daí a ansiedade que se nota ao aproximarse a época de sua realização, as perguntas e pedidos de informações que recebemos sobre quando será, este ano, aberto ao público.

Pois, será em setembro próximo, e os preparativos para a importante mostra já se encontram bastante adiantados.

Será essa a décima realização consecutiva do afamado Salão e a Diretoria do F. C. Bandeirante, comemorando esse expressivo acontecimento, mandou cunhar medalhas especiais que serão conferidas a todos os seus expositores.

A Secção "Color" — Como dissémos já em notas anteriores, com o X.^o Salão o F. C. Bandeirante lançará mais uma iniciativa de vulto, qual seja, a Secção "Color", destinada a exhibir fotografias em cores, executadas pelos mais variados processos como as conhecidas transparencias em 35mm., e outros processos de cópias positivas em cores, ainda praticamente desconhecidos entre nós, como o Dye-Transfer, Printon, e o Flexichrome, mas já em grande voga nos mais avançados centros. Terão assim os aficionados da fotografia em cores oportunidade de se porem ao par dos últimos adiantamentos neste gênero de fotografia

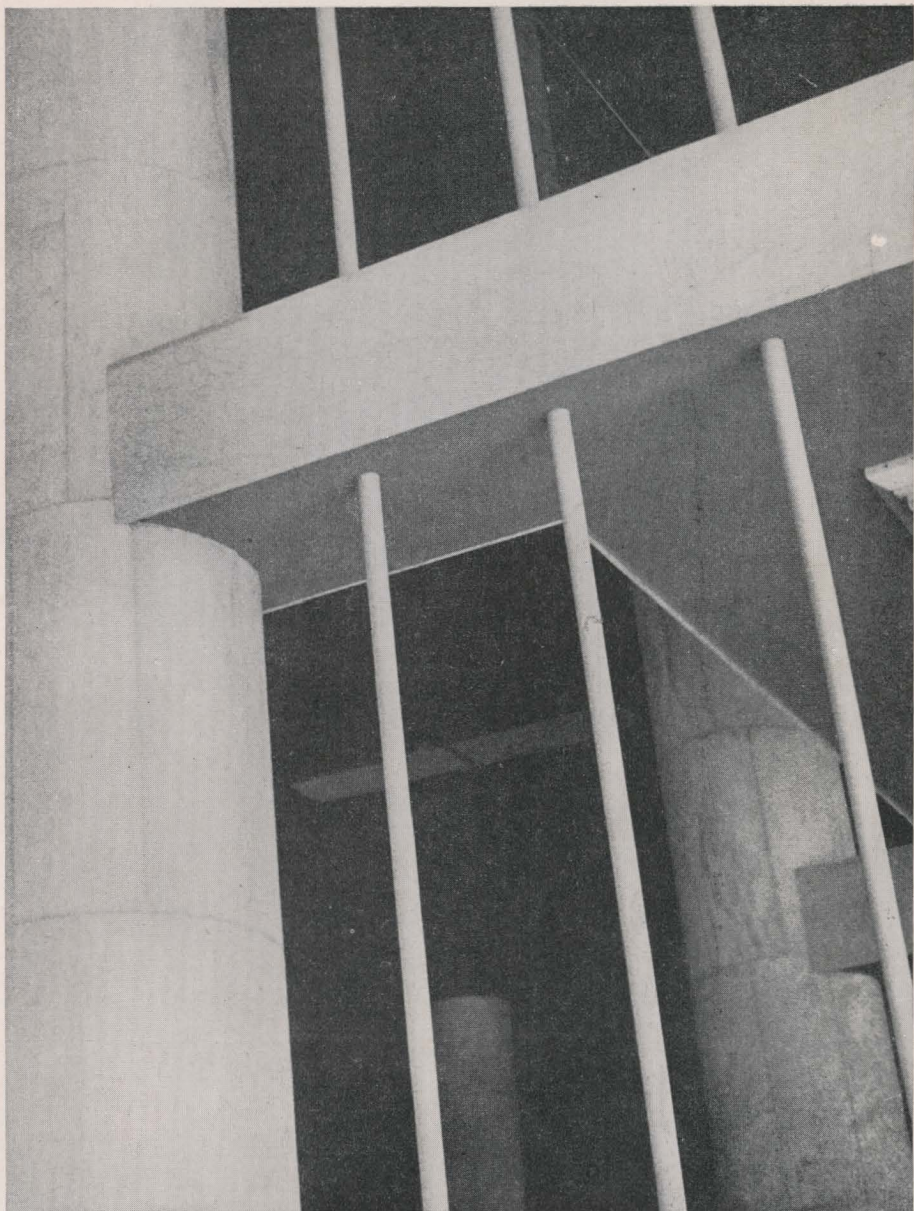
ainda novo, mas que já conta com milhares de adeptos.

As inscrições, em ambas as secções — a) fotografia em branco e preto e b) fotografias em cores — **serão encerradas a 15 de julho próximo** e não obstante estarmos ainda ha dois meses da data do encerramento, mais de 600 trabalhos já foram recebidos pela Secretaria do F. C. B., sòmente do exterior, representando cerca de duas centenas de concorrentes, dentre os quais, nomes destacados da Alemanha, França, Itália, Inglaterra, Est. Unidos, Bélgica, Espanha, Canadá, Turquia, Egito, Índia, Suécia, Suíça, Holanda, Dinamarca, Luxemburgo, Hungria, Yugoslavia, China, Japão, Cuba, Portugal, Austrália, Austria, Checoslovaquia, Chile, etc., sendo ainda aguardadas as representações das mais conceituadas entidades congêneres de todo o mundo.

Os aficionados brasileiros sabemos estarem também se preparando com seus melhores trabalhos para a importante mostra, afim de que o Brasil confirme o elevado conceito que obtve nas últimas mostras internacionais de que participou.

Tudo faz crer, portanto, que o próximo X.^o Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo, alcançará êxito sem precedentes, assinalando de maneira indelevel a sua décima realização consecutiva.

A organização do Salão obedece às normas recomendadas pela FIAP (Federação Internacional de Arte Fotográfica) e pela P. S. A. (Photographic Society of America), e o respectivo regulamento, bem como boletins de inscrição, já estão sendo distribuidos pelas principais casas de fotografia da cidade, podendo também serem solicitados à Secretaria do F. C. Bandeirante (R. Avanhadava 316, S. Paulo, Brasil), a qual atenderá prazerosamente, quaisquer pedidos de informações ou esclarecimentos que lhe forem formulados.

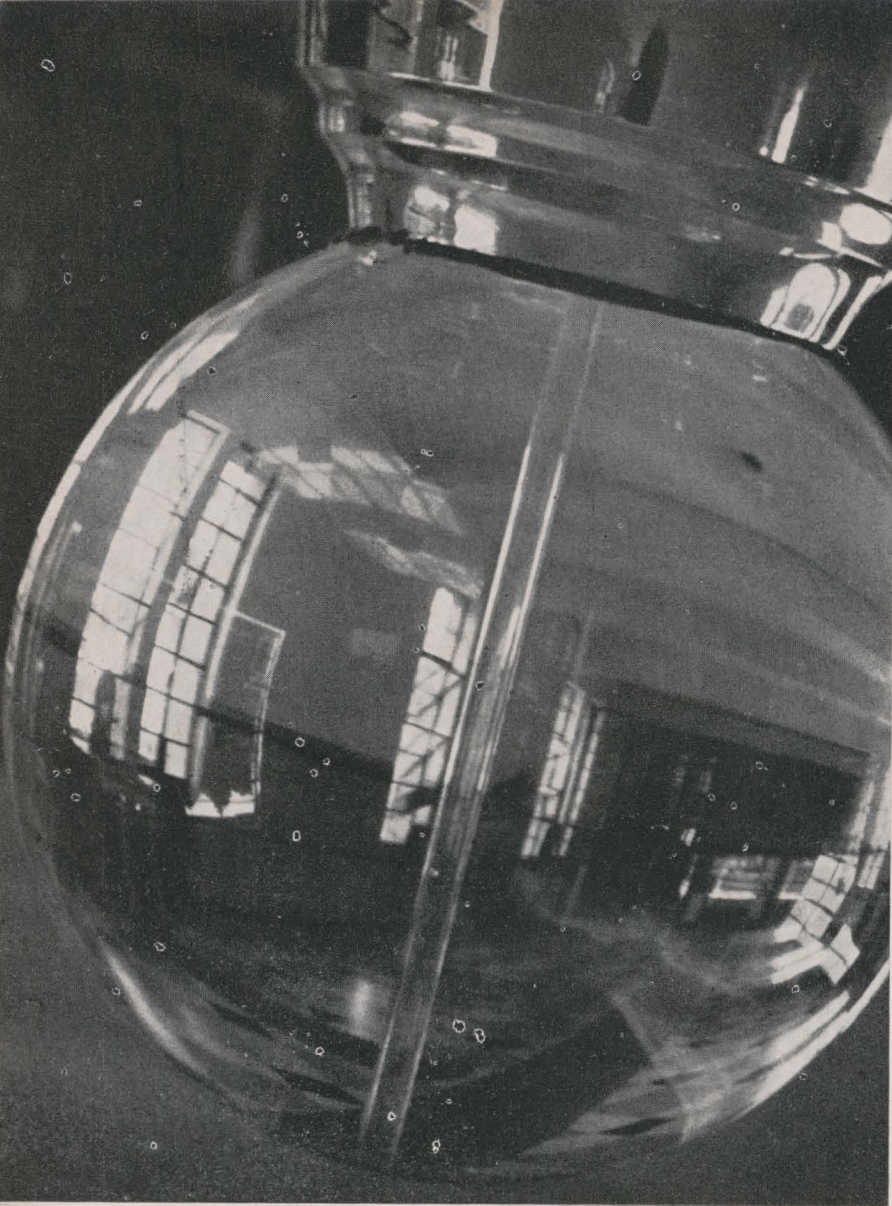


"COLUNAS E VIGAS"

Fernando Gasparian

(Do concurso interno de março)

(Do concurso interno



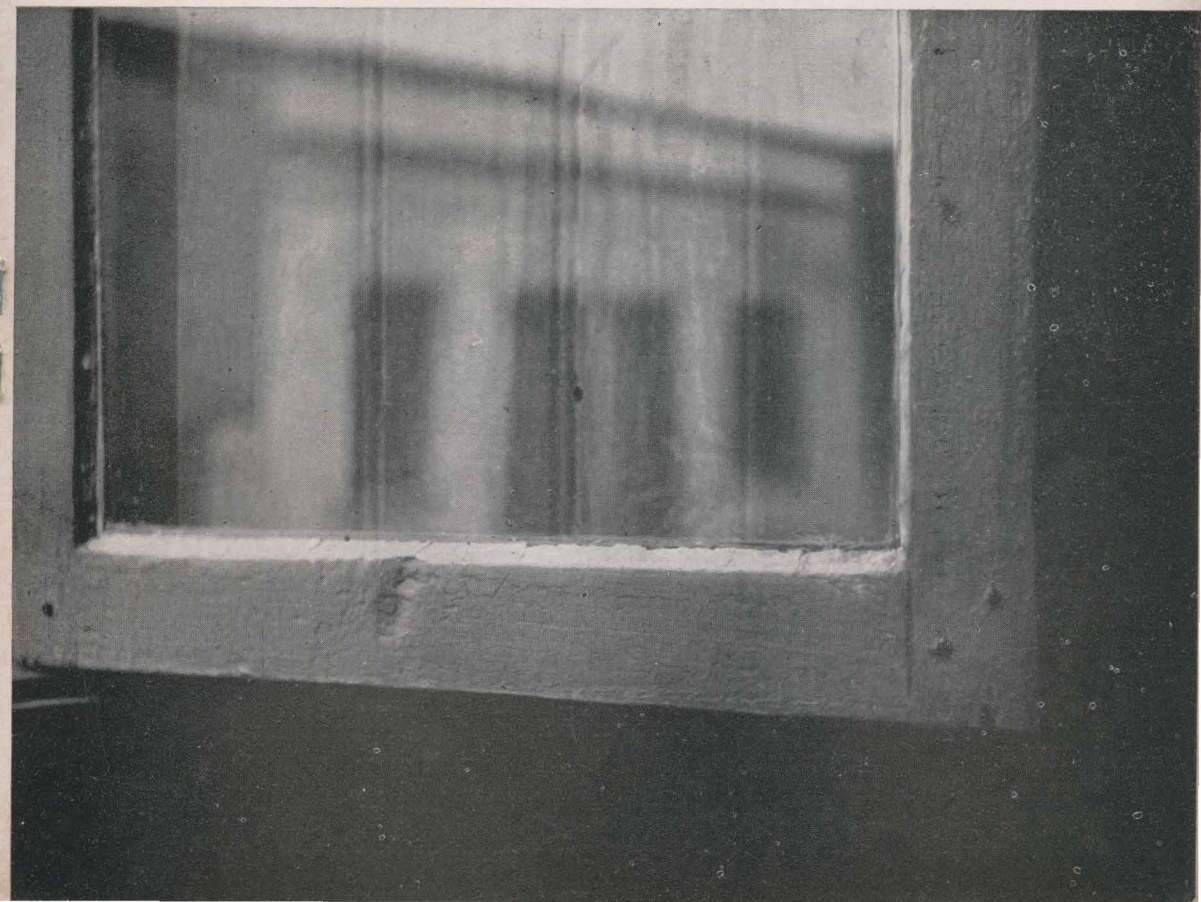
"PERSPECTIVA EM REFLEXO"

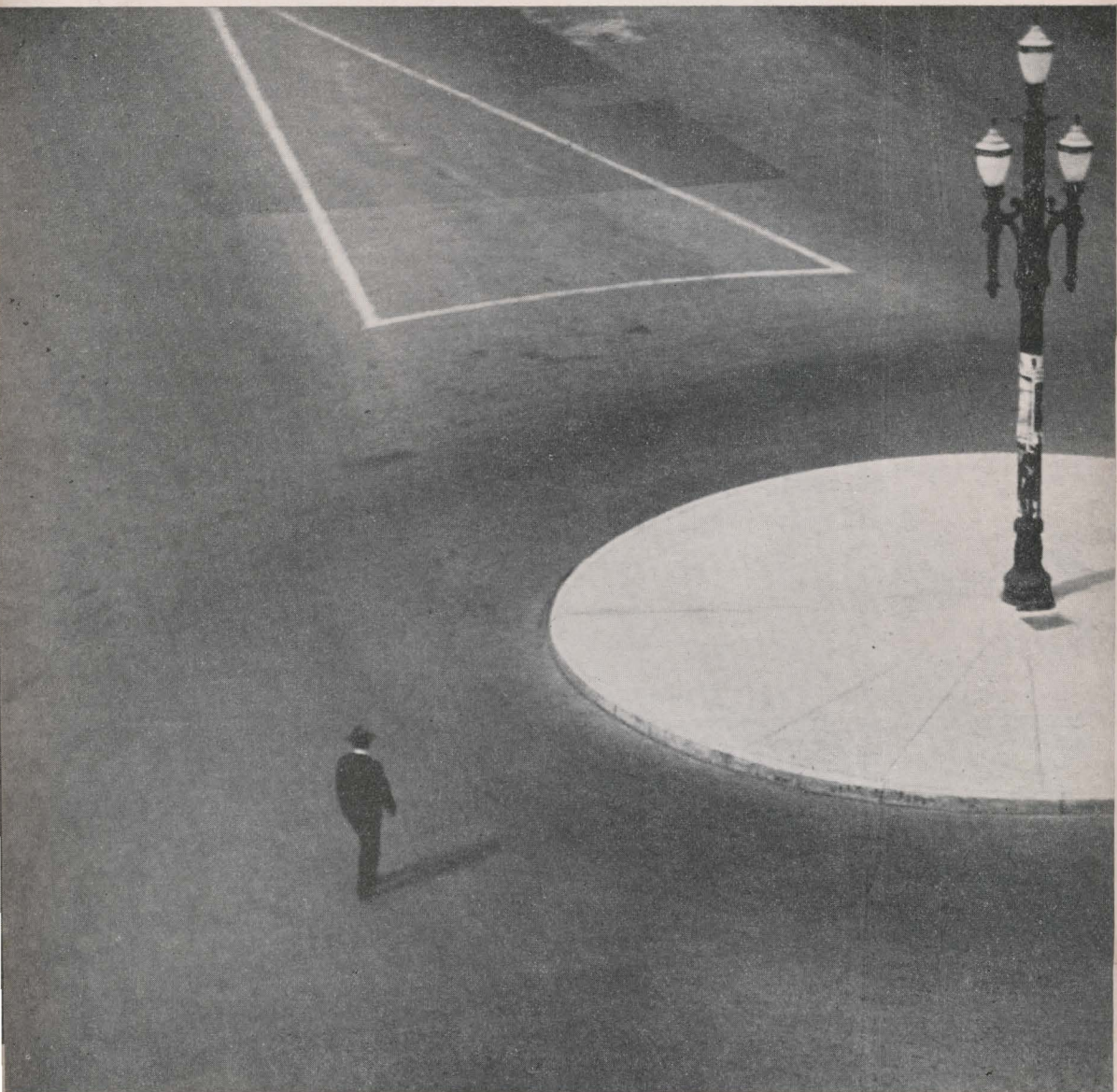
Eduardo Avrosa

le Abril, "REFLEXOS")

"JANELA ABERTA"

German Lorca





"COMPOSIÇÃO GEOMÉTRICA"

Nelson Kojranski

(Do concurso interno de março)

Seminário de Arte Fotográfica

Anotações de N. KOJRANSKI

Dentre as múltiplas atividades do F. C. Bandeirante, uma das mais interessantes e úteis é o Seminário de Arte Fotográfica que promove todos os meses, no qual são discutidos, publicamente, entre autores e assistentes, vários trabalhos de associados do Clube. Questões de ordem técnica ou artística surgem e são debatidas durante essas reuniões, o que as tornam sumamente proveitosas, especialmente para os aficionados mais novos.

Damos a seguir o resumo de mais uma dessas reuniões, levada a efeito na sede do F. C. B., no dia 23 de abril p.p., e que teve a orientação do Dr. Jacob Polacow, Diretor Fotográfico da entidade.

INTRODUÇÃO — Abrindo a reunião, o Dr. Polacow faz notar a presença de muitos associados novos, aos quais convida que participem ativamente dos debates, formulando perguntas e expondo suas dúvidas, sem qualquer acanhamento, pois a finalidade maior destes seminários é esclarecê-las com a troca de ideias e de conhecimentos de cada um.

1.º Trabalho — “RETRATO” de Francisco Albuquerque

Dados técnicos — Trabalho realizado em seu estúdio; obj. Ektar de 36 mm; f. 16 — filme Super XX, 4x5”; Iluminação com 2 “spot-lights” e 1 rebatedor. Ampliação em papel “Prestona”, viragem a selênio.

AUTOR — A ideia da pôse surgiu-lhe quando procurava estudar o modelo e este encostou-se, casualmente, num dos spots, com aquela expressão de preocupação, um tanto dura. Usou uma iluminação contrastada, procurando obter maior textura, em consonância com a rusticidade do modelo.

M. TAVARES — O autor disse que usou determinada iluminação para obter melhor textura. Parece-lhe, porém, que para obter “textura” deve-se ter em conta não apenas a iluminação mas principalmente o fator “exposição” e aquela somente é usada em função deste, pois sem exposição acertada não se obterá textura.

E. SALVATORE — Contesta. A textura resulta quasi que exclusivamente da iluminação do assunto de um ângulo adequado para pô-la em destaque. Claro que o tempo de pose deve ser relativo á intensidade da iluminação e ao diafragma usado (este sim, por vezes, sumamente importante) como em qualquer outra fotografia. Mas é principalmente pela acertada iluminação do objeto que se poderá traduzir sua textura.

G. MALFATTI — Concorda com Salvatore. Textura é mais uma questão de superfície e não de massa.

AUTOR — Conforme o assunto fotografado, a mesma textura poderá ser obtida com o diafragma aberto ou fechado, variando o tempo de exposição de conformidade com o mesmo e a iluminação. Entretanto, com o mesmo tempo de exposição, si variarmos o ângulo de iluminação, deixaremos de obter textura.

ORIENTADOR — É preciso não confundir textura com plástica ou relevo. Quem dá textura é o objeto; não será possível obtê-la, num objeto que não a possua, como p. ex. um espelho. A iluminação participa da textura como um dos seus elementos principais.

F. GASPARIAN — Indaga do autor, qual a sua intenção ao ligar o modelo ao spot que aparece no quadro, formando u’a massa em cima.

AUTOR — Com a utilização do mesmo e dos fios que aparecem, procurou realçar a dramaticidade do modelo.



"RETRATO"

Francisco Albuquerque

expressão de per si suficiente, mesmo porque os elementos secundários que introduziu, confusos, não criam ambiente e além disso não se sente que o modelo esteja com cabeça repousando no spot (que neste caso deveria estar mais definido) e a mancha escura do mesmo, ligando-se á cabeça, perturba, a seu ver, a composição. Lembra, a propósito, outra fotografia do mesmo autor, "O Diretor", na qual com a introdução de spots e fios enrolados através dos quais via-se a figura, conseguiu o autor crear o ambiente adequado para traduzir sua idéia, o que não se verifica neste trabalho.

ORIENTADOR — A introdução de outros elementos não requer sejam sempre identificáveis. Quer lhe parecer que na fotografia em estudo, a intenção do autor foi exclusiva-

mente de ordem estética e não crear ambiente.

M. TAVARES — Considera que a introdução daqueles elementos reforça a ideia do autor, corroborando a expressão perturbada do modelo. Elogia principalmente o corte.

G. MALFATTI — Concorda com Tavares e acrescenta que o artista tem o direito de utilizar os elementos que mais lhe convierem sem se prender aos preconceitos ou regras tradicionalmente consideradas artisticas.

A. KAUFFMANN — Considera que a expressão vigorosa do modelo faz passar para plano inteiramente secundário os demais elementos introduzidos no quadro. Salienta ainda o bom emprego da iluminação identificando-se com o espírito do trabalho.

ORIENTADOR — Solicita dos presentes que se manifestem quanto á questão da introdução, em retratos, de elementos estranhos, como meios de reforço á ideia do autor.

A. NUTI — Julga que, quando a expressão do modelo é, já por si, bastante forte, torna-se completamente dispensavel a intervenção de outros elementos.

ORIENTADOR — Ressalta que o retrato é essencialmente expressão. O bom fotógrafo capta a expressão desejada, numa fração de segundo, muito embora ás vezes, custa-lhe horas de trabalho conseguí-la, de forma a traduzir a personalidade do modelo. Exemplifica com um famoso retratista que ao retratar Wendel Wilkie demorou duas ou três horas, fazendo o modelo esquecer que se encontrava posando, para poder colhe-lo tal qual é.

E. SALVATORE — Concorda com Nuti. Em retratos, a introdução de elementos estranhos se justifica p. ex., quando se procura dar ambiente á figura. No caso da fotografia de Albuquerque, entretanto, considera a

•

2.º Trabalho — "COLUNAS E VIGAS" de Fernando Gasparian (Cliché á pg. 17)

Dados técnicos — realizado com ap. Rolleiflex, f. 5,6, 1/50. Filme Perutz, iluminação natural, sem filtro.

AUTOR — Com a foto em questão propoz-se realizar um trabalho puramente de forma, cujo interesse relaciona-se com seus estudos de engenharia. O detalhe arquitetônico apresentado, foi colhido no aeroporto do Rio de Janeiro e segundo o autor, ele reflete o espírito do arquiteto que realizou a obra.

H. PERNA — Indaga se a fotografia apresentada é um recorte pequeno do negativo original.

AUTOR — Informa que aproveitou quase totalmente o negativo, com exceção de pequena faixa á direita, pois procurou enquadrar o assunto quando da tomada, mediante prévio estudo do ângulo.

ORIENTADOR — Põe em destaque a percepção e o senso estético do autor, aliado á pesquisa, o que valoriza bastante o seu trabalho.

N. RODRIGUES — Sugere um pequeno escurecimento gradativo da coluna á esquerda, afim de dar-lhe maior relevo.

G. LORCA — Não considera necessário esse requinte técnico, pois o trabalho é mais de linhas do que de formas.

E. SALVATORE — Apoia a sugestão de N. Rodrigues e compara a coluna apontada com a outra que, em virtude de sua própria iluminação apresenta maior relevo.

M. TAVARES — Diz que frequentemente as fotografias desse gênero são realizadas posteriormente, a um exame mais acurado de negativos á primeira vista inaproveitáveis, e utilizando-se de pequenos cortes. Louva, portanto, o autor, por ter visto o assunto na hora da tomada.

I. F. SILVA — Admira a fotografia, mas parece-lhe que o autor usou de retoques especiais para acentuar certas linhas, como por exemplo a linha branca que contorna as vigas horizontais. E tal recurso parece-lhe condenável.

AUTOR — Informa que não fez retoque algum para acentuar tais linhas: elas são consequentes de maior iluminação nas rebarbas da própria viga.

M. LAERT DIAS — Mesmo que o autor tivesse usado esse recurso, não vê em que isso seria condenável, de vez que não se trata de retoque modificando a fotografia.

E. SALVATORE — Considera admissível qualquer "controle" ou intervenção por parte do autor, desde que, evidentemente, por processos ou recursos fotográficos. Modificações no negativo original tornam-se por vezes necessárias para traduzirem o que o autor quer expressar.

ORIENTADOR — O compromisso do fotógrafo com o negativo é o mesmo do pintor com o seu primeiro esboço. O fotógrafo pode "queimar", proteger, ressaltar, etc., o que implica em modificações do negativo original e sem que isto possa ser condenável.

N. RODRIGUES — Apoia as opiniões precedentes. O valor do fotógrafo não está apenas na tiragem da fotografia. Está no corte (que é outra forma de intervenção pessoal do fotógrafo no negativo original), está no laboratório até o final de sua apresentação.

I. F. SILVA — Isto é então criação e não fotografia.

ORIENTADOR — Não se deve confundir a parte material com a espiritual da concepção. O trabalho do fotógrafo não se limita ao que o negativo apresenta. Desde que o fotógrafo use recursos puramente fotográficos que valorizem seu trabalho, não deve haver objeção ao emprego de tais recursos.

O negativo é a matéria prima para a interpretação pessoal do autor. Compara então o purismo de Weston com a liberdade de intervenção em laboratório e mesmo fóra dele, de Mortensen. Negar-se-á o devido valor a Mortensen, por causa de sua grande intervenção pessoal?

3.º Trab. — "COMPOSIÇÃO GEOMÉTRICA"
de Nelson Kojranski
Cliché a pg. 20)

Dados técnicos — Ap. Super-Ikonta 4,5x6; f: 5,6, 1/100 sem filtro. Filme Perutz-Peromina. Ampliação em papel Prestona.

AUTOR — Colheu a fotografia do alto do Viaduto Santa Efigenia, focalizando um trecho novo da Praça do Correio. Esperou que o sol se fizesse presente e teve de aguardar bastante tempo para que algum transeunte passasse no ponto adequado. Procurou realizar um trabalho simplesmente de linhas, baseando-se no semi-circulo e no triângulo pintado no asfalto, equilibrando a composição com o poste e a figura humana.

F. GASPARIAN — A ampliação é de todo o negativo ou houve corte?

AUTOR — Na parte superior haviam elementos que prejudicavam a composição e que foram eliminados pelo corte.

H. PERNA — Procurou dar alguma função á figura humana, além de méro ponto de equilíbrio composicional?

AUTOR — Não. Considera-a de forma abstrata, apenas como um ponto.

E. SALVATORE — Não obstante não ser essa a intenção do autor, conforme manifestou, o fato é que a introdução da figura humana veio dar á fotografia um interesse que não seria tão acentuado se em lugar dela ali estivesse qualquer outro objeto.

AUTOR — Segundo sua opinião, se ao invéz da figura humana estivesse ali, p. exemplo, um poste ou um carrinho das mesmas dimensões, o quadro continuaria da mesma forma equilibrado.

E. SALVATORE — Não se trata aqui de equilíbrio composicional, mas de interesse que o quadro desperta e a figura humana mais do que qualquer outra coisa, contribui para acentuar o interesse em qualquer quadro em que entra.

M. TAVARES — Nêga tenha a figura humana tal valor. Segundo sua opinião, não ha distincão de valores entre quaisquer objetos usados como elementos composicionais.

C. CARDOSO — Discorda. A figura humana figura em 1.º lugar na escala de valores, segundo as regras de composição.

M. TAVARES — Insiste no seu ponto de vista. Tal classificação é puramente arbitrária.

ORIENTADOR — Esclarece que aqui não se trata de opinião deste ou daquele doutrinador. Assim como em relação as regras gerais de composição, as pesquisas de muitas gerações levaram á conclusão de que a importância dos vários elementos está na seguinte ordem: 1.º, ser humano; 2.º, animal; 3.º, ser inanimado e 4.º, vegetais.

M. LAERT — (em aparte) — O próprio colega Tavares, encontrará ocasiões nas quais somente a figura humana terá a força suficiente para dar interesse ao seu trabalho.

4.º Trabalho — "HIGIENE CASEIRA"
de Nelson S. Rodrigues

Dados técnicos — ap. Super-Ikonta 6x6; f. 5,6 com 1/100. Filme "Panchromosa", filtro amarelo. Ampliação em papel Defender.

AUTOR — Quanto da execução da fotografia esperou um momento propício, quando o céu se apresentasse com leves nuvens na parte inferior. O tom da ampliação também foi procurado cuidadosamente e obtido após várias experiências. A fotografia foi colhida com a máquina ao nível do chão.

G. MALFATI — Pergunta se a colocação das peças foi orientada pelo autor, assim espaçadas como se apresentam.

AUTOR — Informa que não; entretanto, procurou, do varal, a parte que melhor comporia o quadro que teve em mente ao ver o assunto.

N. STERENYI — Condena a divisão demasiadamente simétrica do quadro em dois triângulos equivalentes, em não se considerando a linha irregular formada pelas mangas pendentes, no triângulo inferior.

A. MORAES BARROS — Diverge da opinião precedente; segundo sua opinião, se a parte superior fosse maior, o trabalho se ressentiria da altitude que lhe dá tanto realce.

G. PUGLIESE — Reforça esse argumento, acrescentando que o triângulo superior dá profundidade, infinito. O triângulo inferior, provido das pequenas nuvens, dão vida, dão apoio e base a todo o quadro.

"HIGIENE CASEIRA"

Nelson S. Rodrigues



A. NUTI — Considera o trabalho bastante bom, e a técnica primorosa, principalmente no tratamento do céu, bastante adequado. Além disso é de conteúdo bastante sugestivo.

M. TAVARES — Indaga o que vem a ser conteúdo, no caso, pois a seu ver, o trabalho é agradável por si mesmo e não por transmitir qualquer ideia.

M. LAERT — Não o considera assim, pois a cena fa-lo reportar-se aos seus tempos de meninice, lembra-lhe um fundo de quintal; enfim, encerra bastante sugestão.

M. TAVARES — Insiste em seu ponto de vista. As camisas, o varal, são belos em si e não pelo que possam despertar em nossa imaginação.

ORIENTADOR — A questão de conteúdo, é puramente de reação pessoal de cada um.

Muitos trabalhos, apesar de falharem na técnica, conseguem transmitir sua mensagem, por vezes poderosa, tais as ideias e reações que suscita. Possuem, portanto, conteúdo.

M. TAVARES — Qual, então, o conteúdo do trabalho em questão?

ORIENTADOR — A resposta foi dada no que se disse antes. Si ao envez de camisas estivessem pendurados pneumáticos, a reação seria a mesma?

E. SALVATORE — A resposta está na sensibilidade de cada observador.

M. LAERT — Essa questão é muito sensível...

E, com isto, foi encerrado mais este produtivo seminário.

O Bandeirante no Exterior

Abrimos hoje esta habitual coluna, na qual costumamos noticiar os resultados obtidos pelos bandeirantes nos salões de Arte Fotográfica no estrangeiro, transcrevendo alguns trechos da numerosa correspondência recebida pelo F. C. Bandeirante, que bem demonstram o largo prestígio que a entidade paulistana goza nos círculos fotográficos de todo o mundo.

•

“Monsieur le Président.

Nous avons vu avec beaucoup d'intérêt les photographies que vous reproduisez dans votre bulletin et précédemment celles qui ont été exposées au Salon International de la rue de Clichy.

Nous serions heureux de reproduire dans notre revue photographique, “PHOTO REVUE” quelques oeuvres de votre Club; il est intéressant pour nos lecteurs de montrer les oeuvres photographiques de tous le pays du monde; justement, votre Club se classe parmi les meilleurs.”

a) Robert ANDREANI,

Directeur de PHOTO-REVUE,
Paris, França.

•

“Aprovecho tambien la presente para felicitarles por la gran labor mundial de divulgacion fotografica que desarrollan Vds. en este bien organizado Club

Bandeirante y les envío un cordial saludo para todos sus directivos y asociados.”

a) EUDALDO PEDROLA MILLAN
Tortosa, Espanha.

•

IV “MOSTRA DE RETRATOS, FIGURAS E NUS” de BOLOGNA, ITALIA

Recebemos, com o belo catálogo da importante mostra promovida anualmente pelo Circulo Fotografico Bolognese, a alvigeira notícia de mais um expressivo êxito da fotografia nacional, eis que, através rigorosa seleção, o Brasil classificou-se em 1.º lugar dentre os países estrangeiros, com 18 trabalhos admitidos, seguido da França e da Hungria com 15 cada um. Participaram dessa mostra 24 países e 512 autores com 1492 fotografias, sendo admitidos 137 com 250 trabalhos.

Da representação brasileira, 11 trabalhos são de associados bandeirantes, a saber:

Francisco Albuquerque, com “A margem da vida” e “Marcha-ré”; Geraldo de Barros, com “Solarizada”; Arnaldo M. Florence, com “Nho Juca”; Gaspar Gasparian, com “Perspectiva em diagonal”; German Lorca, com “Le diable aux corps”; Angelo F. Nuti, com “Paralelas”; Masatoki Otsuka, com “Silhuetta”; Eduardo Salvatore, com “O pintor” e “Sombras da tarde”; e Antonio S. Victor, com “O negocio”.

Os demais 7 trabalhos da representação nacional são dos conhecidos aficionados, F. Aszmann (4), Pedro Calheiros (2) e S. Roembauer (1), do Rio de Janeiro.

O Presidente da "FIAP" em São Paulo

Está em São Paulo o **Dr. Maurice Van de Wyer**, Presidente da Federação Internacional de Arte Fotográfica (FIAP).

Médico de renome, possuidor de uma das mais importantes clínicas médicas da Bélgica, seu país natal, figura de larga projeção nos meios dirigentes esportivos europeus, sendo Vice-Presidente da Federação Bélgica de Futebol, Professor da Escola de Preparadores dos Esportes da Bélgica, tem o Dr. Maurice Van de Wyer o seu nome ligado também à Arte Fotográfica, não apenas como um de seus destacados cultores, cujas obras figuram frequentemente nos mais importantes salões internacionais, mas também e principalmente pelas suas inúmeras iniciativas e realizações no campo do desenvolvimento e propagação da fotografia.

Como outros tantos idealistas, viu o Dr. Van de Wyer na fotografia, além de um poderoso meio expressional, também um esplêndido veículo de intercâmbio e confraternização entre os povos do mundo.

Já como diretor da CREPSA (Cercle Royal d'Etudes Scientifiques et Photographiques d'Anvers) distinguira-se o Dr. Van de Wyer pela realização de um programa de intenso intercâmbio internacional, cultural e artístico, a ela ligando nomes destacados da Arte Fotográfica de todos os continentes. Vale a pena recordar aqui, como exemplo, os títulos altamente honrosos conferidos pela

CREPSA a dois brasileiros, Eduardo Salvatore e José V. E. Yalenti, ambos do F. C. Bandeirante.

Ideava, porém, o Dr. Van de Wyer uma ligação mais permanente e íntima entre quantos se dedicam à arte fotográfica, estabelecendo um liame mais forte entre as entidades representativas de cada país. Foi assim que ali surgiu, por volta de 1946, o embrião da **Federação Internacional de Arte Fotográfica (FIAP)** que, alimentado pelo entusiasmo e a atividade do Dr. Van de Wyer logo cresceu e solidificou-se, congregando, hoje, as federações nacionais da Alemanha, Argentina, Austria, Bélgica, Brasil, Costa Rica, Cuba, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Noruega, Portugal, Sarre, Suécia, Suíça e Iugoslavia.

De há muito ligado ao F. C. Bandeirante, por sólidos laços de amizade, simpatia e ideais comuns, acompanhando com carinho o crescente desenvolvimento das atividades fotográficas brasileiras, o Dr. Van de Wyer por várias vezes havia manifestado, a intenção de visitar o nosso país.

Chegou o dia em que cumpriu sua promessa. O Dr. Van de Wyer veio e... veio para ficar! Com efeito, vai o Dr. Van de Wyer fixar residência em S. Paulo, o que é para



Flagrantes colhidos na sede social do F. C. B., durante a recepção ao Dr. Maurice Van de Wyer, que vemos no primeiro cliché, entre o Sr. Maurice Wekx, Consul Geral da Bélgica e o Dr. Eduardo Salvatore, Pres. do Foto-cine Clube Bandeirante, e no segundo cliché quando recebia o título de "sócio honorário" da entidade dos artistas-fotógrafos de São Paulo.

(Fotos Albuquerque)



1) O Presidente da FIAP em animada palestra com o Tte. Frederico C. Pimentel, representante do Exmo. Sr. Governador do Estado; — 2) Um grupo em que figuram a Exma. Sra. Consuleza da Bélgica, Senhorinhas Laurent e Van de Wyer e Sr. Henri Laurent; — 3) Mme. M. Van de Wyer e Sra. Dr. Carlos Ligér. (Fotos Albuquerque)

nós motivo de grande satisfação e para os aficionados brasileiros uma esplêndida aquisição eis que, com sua experiência, seus conhecimentos e suas relações e pelo que lhe será dado observar, muito poderá o Dr. Van de Wyer contribuir para o maior desenvolvimento da fotografia artística no Brasil, e para a melhor divulgação no estrangeiro do quanto já se faz entre nós nesse difícil campo.

Foram o Dr. Van de Wyer e sua Exma. Esposa e gentil filhinha recepcionados pelo F. C. Bandeirante, na noite de 3 de maio.

A reunião marcou mais um expressivo acontecimento social a ela comparecendo altas autoridades civis e militares, entre as quais pudemos anotar os Srs. Tte. Frederico C. Pimentel, representando o Exmo. Sr. Governador do Estado, Cel. Milton Cezimbra, repr. o Exmo. Sr. Gen. Comte. da 2a. Região Militar, Sr. J. Neiva, repr. do Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal, Sr. Miguel Tedde Neto, repr. do Exmo. Sr. Magnífico Reitor da Universidade de S. Paulo, Sr. Maurice Wecks, Consul Geral da Bélgica e Exma. Senhora, e elementos destacados dos meios sociais e artísticos de nossa Capital além de grande número de associados, sendo servido, durante a reunião, fino cocktail.

Saudando os ilustres visitantes, falou o Dr. Eduardo Salvatore, Presidente do F. C. Bandeirante, que em breve oração pôs em

★

A séde social, durante a recepção ao Dr. Van de Wyer, apresentou o aspecto festivo dos grandes acontecimentos bandeirantes.

relevo a personalidade do Dr. Maurice Van de Wyer, expressando a satisfação do quadro social bandeirante em recebe-lo em seu seio. Terminando, fez entrega ao Presidente da FIAP, sob intensa salva de palmas, do diploma de "sócio honorário" do F. C. B., título que a Diretoria do Clube houve por bem lhe conferir tendo em vista os assinalados serviços pelo mesmo prestados em prócia maior confraternização e união entre as entidades fotográficas de todo o mundo.

Agradecendo, falou o Dr. Van de Wyer, fazendo o elogio do F. C. Bandeirante, cujas atividades e valor dos trabalhos de seus associados o tornaram credor da admiração e respeito de quantos se dedicam a fotografia artística. Sentia-se feliz por estar no Brasil e em S. Paulo, onde tencionava residir, terminando por afirmar que seria mais um bandeirante a conjugar seus esforços com os demais para o maior progresso do Clube e elevação da Arte Fotográfica no Brasil.

Bastante aplaudido, demorou-se o Dr. Van de Wyer até tarde da noite em cordial palestra com os presentes, integrando-se desde logo naquele ambiente de simplicidade e sincera amizade e camaradagem que são característicos do F. C. Bandeirante.



Anotações

de um

Observador

Não discutiremos aqui a existência ou o reconhecimento da fotografia como Arte, ou seja, como meio de expressão artística. Muito se tem escrito a esse respeito e tudo nos leva a crer, dia a dia, os duvidosos decrescem e os obstinados começam a vacilar em suas afirmações para, posteriormente, concordarem com os defensores da Arte Fotográfica.

Os inúmeros Salões realizados em toda a parte atraem e conquistam o grande público. Os visitantes, provenientes de classes as mais heterogêneas, ficam extasiados deante de um espetáculo raramente apresentado numa mostra de arte. Os salões de Arte Fotográfica de S. Paulo, realizados na Galeria Prestes Maia, comprovam anualmente essa realidade, inclusive com observações, por escrito, de conceituados admiradores. A fotografia artística brasileira vem conquistando expressivas vitórias, dentro e fóra do Brasil. O Salão do Foto-cine Clube Bandeirante é apontado como um dos mais importantes da América, segundo observadores especializados estrangeiros. A simples aceitação dos trabalhos de um autor no salão paulista, constitui galardão de especial mérito.

Tudo isso é sabido. Entretanto, nota-se que as exibições de arte fotográfica em nosso país ainda não conquistaram plenamente um setor. Carecem do interesse espontâneo dos críticos de arte. Em nosso meio existe numeroso grupo de intelectuais capacitados para analisar acuradamente as obras desses salões, mesmo sem conhecimentos especializados de "técnica fotográfica", pois em um Salão de Arte o que mais interessa são os ideias, o conteúdo, os problemas de ordem artística e estética que os trabalhos suscitam. Os jor-

nais, por sua vez, estão também perfeitamente dotados de elementos competentes para aquilatar o nível de arte que apresentam esses salões.

Porque, então, silenciam? Porque, em sua maioria, não se propõem a visitar um salão de arte fotográfica? Estará esse grupo de intelectuais completamente à margem do movimento artístico-fotográfico atual? Basear-se-á esse desinteresse no frágil, surrado e já desacreditado argumento da ausência de arte devido à intervenção mecânico-química? Será a indiferença pela arte do preto e branco consequência de um pré-julgamento arraigado? Comportará essa classe privilegiada de cultos espíritos conclusões ainda indecisas? Ou os que já têm opinião formada a respeito, favorável ou não, as temem dar a público?

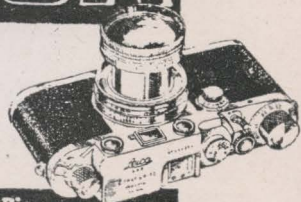
A todos que apreciam o belo, interpretado por espíritos os mais variados, externado pelos diferentes designios de todas as escolas, sujeito a temperamentos de todos os povos, lançamos o repto da crítica.

Durante a realização do 10.º Salão, em setembro próximo, os artistas nacionais estarão no "pelourinho" confiantes na crítica justa, imparcial e construtiva que caracteriza nosso meio. Até lá, todos os nossos esforços serão empregados para suportar o rigor dos mais exigentes, cujo trabalho parece-nos menos dispendioso do que o de conseguir a necessária e indispensável atenção dos entendidos.

NELSON KOJRANSKI

LEICA

a câmara universal da mais alta precisão.



KLEINER & CIA. - Rio

Rua Teófilo Otoni, 89 - Caixa Postal 4504



"ÚLTIMA ESPERANÇA"

Eijiro Sato



1) Altas autoridades civís e militares prestigiaram o F. C. Bandeirante comparecendo ás solenidades comemorativas do 12.º aniversário. Vemos no cliché um grupo no qual figuram (da esquerda para a direita) o Cap. G. Nitrini, repr. o Sr. Prefeito da Capital; Sr. Miguel Tedde Neto, repr. o Magnífico Reitor da Universidade de S. Paulo; Sr. Arnaldo M. Florence; Cel. M. Cesimbra, repr. o Sr. Gen. Comte. da 2a. Região Militar; Sr. José V. E. Yalenti; Sr. Wilson Miranda, repr. o Sr. Presidente da Câmara Municipal e Sr. R. Bougueaud, Secretário do Consulado da Bélgica. — 2) O Sr. Lauro D'Angelo, quando em nome da Assoc. dos Reporteres Fotográficos do Estado de S. Paulo, dirigia expressiva saudação ao F. C. B. (Fotos Lorca).

O 12.º Aniversário do F. C. Bandeirante

Transcorreu no dia 28 de abril último, o 12.º aniversário do F. C. Bandeirante. Como não podia deixar de ser, a efeméride foi motivo para numerosas manifestações de regosijo por parte de amigos e associados da simpática entidade que, dia a dia, conquista maior prestígio e renome em todos os centros artísticos-culturais do país e do estrangeiro.

Comemorando esse evento, a Diretoria do F. C. Bandeirante programou duas reuniões que constituíram outros tantos acontecimentos sociais a serem inscritos com letras de ouro nos anais da sociedade e que vieram salientar, mais uma vez, o apreço em que a entidade é tida pelos nossos poderes públicos

e pela sociedade paulistana, e o alto espírito de união e camaradagem que une os associados bandeirantes.

O COCKTAIL NA SÉDE SOCIAL

Na tarde de sábado, dia 28, engalanou-se o palacete da R. Avanhandava 316, para a recepção oferecida pela Diretoria do Clube, em comemoração da data.

Pequena tornou-se a séde bandeirante para abrigar o grande número de pessoas que ali acorreu para levar ao F. C. Bandeirante as expressões de seu apreço e simpatia. Entre elas pudemos anotar os srs. Cel. Milton Cesimbra, representando o Exmo. Sr. Comte.



1) O Cel. Milton Cesimbra assinando o livro de visitantes do F. C. B. e 2) o Dr. E. Salvatore, Pres. do F. C. B. agradecendo as felicitações recebidas. (Fotos G. Lorca).

da 2.^a Região Militar; Cap. Genesis Nitrini, representando o Exmo. Sr. Prefeito da Capital; Sr. Wilson Mirandã, representando o Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal; Sr. Miguel Tedde Neto, representando Exmo. Sr. Magnífico Reitor da Universidade de S. Paulo; Sr. Anselmo Borgonovo, DD. Consul Geral da Argentina; Sr. Oscar Cadoppi Aguilari e Exma. Sra.; e Sr. R. Guzman, Consules Adjuntos da Argentina em S. Paulo; Sr. R. Bougœaud, representando o Exmo. Sr. Consul Geral da Bélgica; Sr. Lauro D'Angelo, representando a Associação dos Reporteres Fotográficos do Estado de S. Paulo, representantes da imprensa e elementos destacados dos meios artísticos e sociais da Capital, além de grande número de associados e pessoas de suas famílias.

Aos presentes foi servido fino "cocktail" e durante a reunião foram entregues os prêmios conquistados pelos associados nos concursos internos de 1950, após o que usaram da palavra os Srs. Lauro D'Angelo que, em nome da Associação dos Reporteres Fotográficos do Estado de S. Paulo, dirigiu expressiva saudação ao F. C. Bandeirante e o Presidente do F. C. B., Dr. Eduardo Salvatore, agradecendo as manifestações de carinho que a entidade vinha recebendo e conclamando os associados a prosseguirem trabalhando, como até aqui têm feito, para o engrandecimento do Clube e elevação da Arte Fotográfica.

Nessa ocasião foi o Dr. Salvatore homenageado por seus companheiros de agremiação os quais, por intermédio de José V. E. Yalenti e sob calorosa e prolongada salva de palmas, lhe fizeram entrega do diploma de *Sócio benemérito* do F. C. Bandeirante, em reconhecimento aos assinalados serviços prestados ao Clube e a Arte Fotográfica no Brasil, surpresa que o Presidente do F. C. B. agradeceu em breves palavras repassadas de emoção.

Não faltou também o já tradicional e gostoso bolo de aniversário, gentil oferta da

Flagrantes colhidos durante o cocktail na sede social e na excursão-almoço de confraternização, comemorativos do duodécimo aniversário do F. C. B. (Fotos G. Lorca, E. Salvatore e J. Agostineli).



Sra. Lourival Bastos Cordeiro, recebida sob intensas palmas dos convivas.

Até tarde da noite prosseguiu a reunião naquele ambiente de amizade e confraternização que caracteriza todas as reuniões bandeirantes e que as tornam tão agradáveis.

A EXCURSÃO AOS "LAGOS DE ITAPETÍ"

No dia seguinte, bem cedo, movimentaram-se novamente os bandeirantes, para a tradicional excursão-almoço de confraternização que, como nos anos anteriores, reuniu mais de uma centena de associados e seus familiares.

O local escolhido, desta vez, foram os "Lagos de Itapetí" aprazível recanto próximo a Mogy das Cruzes e cujos proprietários desdobraram-se em gentilezas de toda sorte para com os bandeirantes.

Local pródigo em belezas naturais, com seus lagos tranquilos e sonhadores, seus bosques sombrios e verdejantes, ali encontraram os excursionistas motivos bastantes para belas fotografias e para um esplêndido dia de repouso físico e espiritual.

O almoço, lauto e caprichosamente servido, foi movimentado, como de costume, pela alegria sadia e contagiante do Laert e pelos

"pic-pics" da ala mais moça, sempre entusiasta e irriquieta, á qual aderiu, gostosamente, a turma veterana.

O sol escondia-se no horizonte quando foi dado o sinal de retorno, encerrando mais uma reunião que deixou em quantos dela participaram as mais gratas recordações e o desejo de que outros tantos aniversários como esse venham a ser comemorados... o mais breve possível!

Por motivo da passagem do seu 12.º aniversário, o F. C. Bandeirante recebeu mensagens de congratulações das seguintes pessoas e entidades: Sr. Consul Geral da Itália; Deputado Conceição Santamaria; Deputado Porphyrio da Paz; Vereador Edison A. Ribeiro de Souza; Foto Clube Brasileiro; Foto Clube do Espírito Santo; Foto-cine Clube de Campinas; Foto-cine Clube de Ribeirão Preto; Agência Editora Iris; Roberto Vianna Rodrigues, Espírito Santo; Djalma Gaudio, Rjo de Janeiro; Carlos Comelli, Natal, R. G. do Norte; Saulo Guimarães e Nelson Preyer, da Capital.

Aos mesmos e a quantos, pessoalmente, trouxeram ao Clube suas felicitações, a Diretoria do F. C. Bandeirante deixa consignado, por nosso intermédio, o seu "muito obrigado".

À excursão-almoço de confraternização, realizada nos "Lagos de Itapetí" compareceram, como de costume, mais de uma centena de associados, um grupo dos quais posa para o Boletim. (Foto C. Ligér).





Grupo formado por ocasião da recepção ao Dr. Van de Wyer, Pres. da FIAP, na séde do F. C. Bandeirante, vendo-se da esquerda para a direita, o Dr. E. Salvatore, Pres. da entidade, Tte. Frederico C. Pimentel, repr. do Sr. Governador do Estado, Dr. M. Van de Wyer, Sr. Miguel Tedde Neto, repr. do Magnífico Reitor da Universidade de S. Paulo, Cel. Miltom Cesimbra, repr. do Sr. Gen. Comte, da 2a. Região Militar, Sr. Maurice Wekx, Consul Geral da Bélgica, e Sr. J. Neiva, repr. do Sr. Presidente da Câmara Municipal de São Paulo. (Foto Albuquerque).

Uma Visita ao F. C. Bandeirante

(Conclusão)

SOL — De qualquer maneira felicito-lhe, assim como ao Clube, que pode contar com jovens como você.

Dr. NASCIMENTO Jr. (intervindo): — Como diretor cinematográfico do Clube, e já que se trata de felicitações, vão as nossas para os cineamadores argentinos, que enviaram tão bons trabalhos para o nosso Primeiro Festival Internacional de Cinema Amador.

Dr. POLACOW (Diretor de Redação do Boletim): — E diga-lhes que as páginas da nossa revista estão a sua disposição; que nos enviem opiniões, colaboração. Queremos nos comunicar, confraternizar.

Prometemos-lhes cumprir seus pedidos (e aproveitamos aqui a oportunidade para fazê-lo publicamente), descendo, depois de nos despedirmos

deles, áquela sala do pavimento inferior que, ao entrarmos no Clube, encontráramos vazia. Neste momento, porém, transbordava de rumores e animação: a sala enchera-se de vida feminina. O Dr. Salvatore nos explicou então que as senhoras costumavam vir buscar seus maridos no Clube, fazendo tertulia — e crítica grátis — enquanto os homens terminam seus afazeres clubísticos.

Que esta pequena nota a maneira de reportagem, fiel na medida em que a memória permite, seja nossa homenagem a essa Sociedade irmã que tanto trabalha, usando as forças da “pacífica e inerme” arte fotográfica, “em benefício das boas causas”, e que em virtude disso mereceu ser declarada pelas autoridades de seu país, por lei, instituição de “utilidade pública”.

Aperfeiçõe-se na arte fotográfica, ingressando no Foto-cine Clube Bandeirante

CONCURSO "STUDIO"

Pela Diretoria do F. C. B. foi aprovada a proposta apresentada pelo Sr. Diretor do Studio, afim de se realizar um interessante concurso fotográfico entre os associados que se utilizam daquela dependência. Damos a seguir o regulamento do mesmo, o qual, bastante explícito, dispensa outros esclarecimentos:

- 1.º - Fica instituído o Concurso "Studio", ao qual poderão concorrer todos os associados do F. C. B., com fotografias realizadas exclusivamente nas dependências do "Studio" da sede social, podendo as mesmas ser de qualquer gênero.
- 2.º - As inscrições serão encerradas no dia 30 de novembro p.f., podendo cada concorrente participar com 4 trabalhos, ainda inéditos, nas dimensões previstas pelo regulamento dos concursos internos.
- 3.º - O concorrente, por ocasião da entrega das fotografias, fará também apresentação da cópia diréta total, de cada uma delas, para comprovação de terem sido tomadas no studio.
- 4.º - O julgamento será realizado no decurso do mês de dezembro, por uma comissão de cinco membros, designada pela Diretoria do Clube, sendo adotados os mesmos princípios que regem os julgamentos dos concursos internos.
- 5.º - Serão conferidos prêmios aos três melhores trabalhos, sendo o 1.º ofertado pelo Sr. Eduardo Salvatore, o 2.º pelo Sr. José V. E. Yalenti e o 3.º pelo Sr. Aldo A. Souza Lima.
- 6.º - Os associados interessados em participar deste concurso deverão, para efeito de utilização do studio, obedecer ás disposições regulamentares respectivas.
- 7.º - Os casos não previstos neste regulamento, serão resolvidos pela Diretoria do Clube.

RETIFICAÇÃO: Na capa do último Boletim publicamos bélo trabalho de Ivo Ferreira da Silva, sob o título "Sinal dos Tempos". O título certo, entretanto, é "A Marca do Tempo", pelo que nos apressamos em fazer a necessária retificação.

NOVOS SÓCIOS

O quadro social do Foto-cine Clube Bandeirante acaba de ser engrandecido com mais os seguintes aficionados da cine-fotografia, aos quais desejamos boas vindas e votos de real progresso: inscrições ns. 857, Alberto Wilson D'Amico; 858, Ary S. Carneiro da Cunha; 859, Srta. Lucia Vieira de Camargo; 860, Prof. Dirceu Lino de Mattos; 861, Gabriel M. Jafet; 862, Durval Bastos Siqueira; 863, Victor Hugo da Costa Pires, de Tatuí; 864, Magnus Vianna; 865, Dr. José Bento Pereira de Souza; 866, Antonio Jorge Andolphatto, de Jaú; 867, João Schroden Junior, de Uberaba; 868, Dr. Jayme de Hollanda Távora, do Rio de Janeiro; 869, Srta. Dinorá de Oliveira Prado; 870, Armando Ficondo; 871, Lino Lopes Villas-Bôas; 872, Antonio Ferreira Filho; 873, Prof Domingos A. Zampieri, de Jaú; 874, Seiti Ogawa, de Londrina; 875, João Ideriha, de Londrina; 876, Michio Yamamoto, de Londrina; 877, Raphael Landau, do Rio de Janeiro; 878, Marcelo J. Schonmann; 879, R. Oscar Cadoppi Aguillar; 880, Pedro Calheiros, do Rio de Janeiro; 881, Joffre de Oliveira Nabão, de Ribeirão Preto; 882, Dr. Osmani Emboaba, de Ribeirão Preto; 883, Assad Secaf, de Ribeirão Preto; 884, Mauricio Roizen; 885, Rubens Capozzoli e 886, Ademar Manarini.



CONCURSOS INTERNOS

Continuam sendo entusiásticamente disputados os concursos internos mensais providos pelo F. C. Bandeirante, cujo calendário para os próximos meses é o seguinte:

Maio	- Tema livre
Junho	- Sombras
Julho	- Tema livre
Agosto	- Não haverá concurso, em virtude dos preparativos e realização do XIº SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRÁFICA DE SÃO PAULO.
Outubro	- Arquitetura, Monumentos (ângulos, detalhes)
Novembro	- Tema livre
Dezembro	- Simplicidade.

Lembramos aos concorrentes que os trabalhos deverão obedecer ás disposições do regulamento dos concursos internos, entre as quais: a) tamanho mínimo de 24 cts. do lado menor e máximo de 50 cts. do lado maior, montados em cartolina branca ou creme de 35x50 ou 50x70 cts.; b) os trabalhos deverão ser entregues ao diretor dos concursos, (exceção feita para os concorrentes de fóra de S. Paulo), já montados, sob pena de não serem admitidos a concurso; c) o prazo para inscrições encerra-se no dia 20 de cada mês, havendo a tolerância máxima de 48 horas para a entrega dos respectivos trabalhos.

CALENDÁRIO DE SALÕES INTERNACIONAIS DE 1951

Pelo Diretor de Intercâmbio foi organizado o calendário abaixo dos salões internacionais a se realizarem durante o ano de 1951, e aos quais o F. C. Bandeirante deverá se fazer representar. Os consócios que desejarem participar das remessas coletivas deverão entregar os seus trabalhos ao Diretor de Intercâmbio, até as datas limite respectivas, constantes do quadro abaixo.

Nessa relação foram incluídos, de preferência, os salões promovidos por entida-

des congêneres que mantêm intercâmbio com o F.C.B. e que se realizam anualmente, o que não impedirá de, á relação serem acrescentados, posteriormente, outros certames ou salões promovidos por associações amigas ou que venham á iniciar relações com o Clube.

Assim também, está o Clube á disposição das demais entidades congêneres nacionais que desejarem se utilizar de suas remessas coletivas para enviar trabalhos dos respectivos associados.

N.º do salão	Denominação - Local - País	Circuito	Data de entrega no clube.
12.º	Tóquio - Japão	_____	30 de abril
8.º	"Christchurch" - Nova Zelandia	_____	30 de abril
26.º	Irish — Dublin, Irlanda	_____	5 de maio
	Vooruit — Gent — Bélgica	(circuito de Charleroi)	
42.º	Londres — Inglaterra	_____	17 de maio
96.º	"Royal Photographic Society" — Londres, Inglaterra	_____	30 de maio
11.º	Salta — Argentina	_____	30 de maio
27.º	Zaragoza — Espanha	(circuito de S. Sebastian)	
5.º	Bologna — Italia	_____	6 de junho
12.º	Estocolmo — Suécia	_____	6 de junho
	Bruxelas — Bélgica	(circuito de Antuérpia)	
39.º	Paris — França	_____	20 de junho
10.º	SÃO PAULO	_____	14 de julho
7.º	Buenos Aires — Argentina	_____	20 de julho

OPORTUNIDADES

Esta secção acha-se á disposição dos amadores ou profissionais interessados na compra, venda ou permuta de aparelhos ou materiais foto-cinematográficos, sendo os pequenos anuncios cobrados á razão de Cr.\$ 50,00 para o máximo de 4 linhas. Para os sócios do Clube e assinantes do Foto-cine, a inserção de um pequeno anuncio mensal será gratuita.

ARTIGOS fotográficos e cinematográficos, acessórios em geral para amadores e profissionais, temos sempre em estóque. Visitenos sem compromisso. SIMON KESSEL, Rua. Conselheiro Crispiniano, 404 - 2.º andar - sala 211.

ACESSÓRIOS em geral para fotografia pelos melhores preços. Esmaltadeiras 50x60, tipo plana, toda de ferro "Fontamac", esmaltadeiras 30x40, 45x60, curvas, refletores, roletes, placas cromadas, marfinites, intermediários para filme rígido, etc.. Não aceite imitações. FONTAMAC, Rua Francisca Miquelina, 190 - Fone: 33-5628.

VENDE-SE um aparelho Argus C-3, para filmes de 35 mm., com obj. f. 1:3,5, em bom estado, acompanhado de mala de prontidão. Preço Cr.\$ 1.200,00. Tratar pelo foné: 34-0200.

VENDE-SE uma ROLLEIFLEX com Tessar "T" 1:3,5, último tipo, nova em folha, por preço de ocasião. Negocio urgente. Tratar com Helio, Gráfica Brescia, Rua Brigadeiro Tobias, 96/102 - Fone: 34-9389.

VENDE-SE um ampliador Versatile DE JUR, modelo II, com uma objetiva Wollensak f. 4,5 de 101 mm, uma objetiva Ross-Resoluxe f. 3,5 de 50 mm., uma objetiva de 75 mm., um marginador metálico de 27x35 cm., uma máscara 6x6 e outra de 24x36 mm., tudo em perfeito estado. Preço: Cr.\$ 6.000,00. Tratar com Nelson, na secretaria do Clube, das 20 às 22 horas.

**KOSMOS
FOTO**

ARTIGOS E SERVIÇOS
FOTOGRAFICOS, CINEMATOGRAFICOS

*RUA SÃO BENTO 288,
TEL.: 2-5882
SÃO PAULO*

MAR
CUS



MILHARES DE OLHOS

VÊM E JULGAM OS SEUS
ANUNCIOS

Da sua apresentação
depende a sua eficiência.

Portanto, em seus impressos
use sempre

Clichês **FORTUNA**

RUA JOÃO ADOLFO, 93 - FONE 2-3492



SALA DE ESTAR



SALA DE EXPOSIÇÕES



STUDIO

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

DECLARADO DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 839 DE 14-11-1950

ALGUMAS DAS VANTAGENS QUE OFERECE:

Orientação artística e técnica mediante palestras, seminários, exposições, demonstrações e convívio com os mais destacados artistas-fotógrafos.



Laboratório e Studio para aprendizagem e aperfeiçoamento.



Sala de leitura e biblioteca especializada.



Excursões e concursos mensais entre os sócios.



Participação nos salões e concursos nacionais e estrangeiros.



Intercâmbio constante com as sociedades congêneres de todo o mundo.

DEPARTAMENTOS:

Fotográfico

Cinematográfico

Secção Feminina.



Cr.\$

Joia de admissão 50,00

Mensalidade 20,00

Taxa extra mensal pró-sede própria 10,00

Anuidade (recebida somente nos meses de janeiro a março de cada ano ... 320,00



Os sócios do interior e outros Estados e da Secção Feminina gosam do desconto de 50%.



SÊDE SOCIAL (Edifício Próprio): RUA AVANHANDAVA N.º 316

FONE: 32-0937 — S. PAULO, BRASIL



CONCURSOS INTERNOS



EXCURSÕES



SALÃO INTERNACIONAL



**Tudo que
seus olhos
vêm...**

Gevaert

FILM

**guarda para
sempre!**



GEVAERT é o nome mundialmente famoso do material fotográfico e cinematográfico para amadores e profissionais. Exija sempre Gevaert.

Foto-Produtos Gevaert do Brasil S. A.

Record 1006